



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**INFLUÊNCIAS DA VIVÊNCIA COM A PRÓPRIA MÃE NO EXERCÍCIO DA
MATERNIDADE**

Laíse Gomes Caixeta

UBERABA-MG
2018

Laíse Gomes Caixeta

Influências da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Família

Orientadora: Profa. Dra. Conceição Aparecida Serralha

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial desta dissertação, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

C138i Caixeta, Laíse Gomes
Influências da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade /
Laíse Gomes Caixeta. -- 2018.
71 f. : tab.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) -- Universidade Federal do Tri-
ângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018
Orientadora: Profa. Dra. Conceição Aparecida Serralha

1. Mães - Psicologia. 2. Maternidade. 3. Mães e filhas. 4. Avós. 5. Rela-
ções entre gerações. I. Serralha, Conceição Aparecida. II. Universidade Fe-
deral do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 159.9-055.26

[FOLHA DE APROVAÇÃO]

LAÍSE GOMES CAIXETA

**INFLUÊNCIAS DA VIVÊNCIA COM A PRÓPRIA MÃE NO EXERCÍCIO DA
MATERNIDADE**

Data da aprovação: ___/___/___

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Conceição Aparecida Serralha
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Profa. Dra. Marta Regina Alves Pereira
Universidade Federal de Uberlândia

Membro Titular: Profa. Dra. Cibele Alves Chapadeiro
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

DEDICATÓRIA

*A minha mãe Marisa,
Ao meu pai Delmar,
Ao meu sempre Osvaldo Junior (in memorian)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e da oportunidade de realizar este trabalho.

À Profa. Dra. Conceição Serralha, pela disponibilidade e colaboração na realização deste trabalho. Agradeço pelas orientações nesta dissertação, pelo incentivo, dedicação e pelo conhecimento compartilhado.

A minha mãe Marisa que sempre soube me compreender e respeitar em meus momentos de ausência, oferecendo-me força e coragem para continuar a trilhar meu caminho, meus sonhos e objetivos.

Ao meu pai Delmar pelo seu carinho e atenção, transmitindo-me entusiasmo a cada passo dado.

Ao meu querido amor e para sempre Osvaldo Junior (in memoriam), que não pôde estar presente, fisicamente, na finalização deste trabalho, pelo qual tanto torcia. Agradeço pela compreensão, pelo incentivo, pelo amor, pelo carinho, pelo amparo. Por acreditar sempre em mim, por cada passo ao meu lado neste plano terrestre.

Aos meus irmãos Lúcio, Leonardo, Lorena e Lara pelo incentivo e respeito neste momento tão importante da minha vida.

A todos meus colegas que me acolheram e me proporcionaram apoio para prosseguir a minha caminhada. Em especial ao João Paulo pelo companheirismo e desabafos. À Isabela pelo carinho e atenção. À Luciana pela troca de ideias e disponibilidade.

Aos meus amigos que tanto torceram e souberam respeitar meus momentos de ausência e amparos, em especial à Juliana, pela sua doçura, à Carolina, pelo seu entusiasmo.

Aos meus colegas de trabalho Aparecida, Amparo, Pedro, Vanessa e Edvânia pelo respeito, compreensão e compartilhamento de conhecimentos

Aos meus professores, que contribuíram para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

À minha banca examinadora pela disponibilidade em aceitar meu convite.

À Profa. Dra. Cibele Chapadeiro, pela contribuição em minha banca de qualificação e, pelo rico aprendizado, proporcionado em sala de aula.

À Profa. Dra. Marta Regina (UFU), por aceitar participar e contribuir, em minha banca de defesa.

Às participantes desta pesquisa, mães especiais, que muito contribuíram com sensibilidade, carinho e atenção na realização deste trabalho.

Agradeço a todos que contribuíram para este trabalho.

SUMÁRIO

Resumo	7
Abstract	8
Apresentação da Dissertação	9
Estudo 1	
Resumo.....	11
Introdução, justificativa e objetivo.....	13
Método.....	16
Resultados e discussão.....	19
Considerações Finais.....	35
Referências.....	36
Estudo 2	
Resumo.	39
Introdução, justificativa e objetivo.....	41
Método	44
Resultados e discussão	48
Considerações Finais.....	57
Referências.....	58
Considerações Finais da Dissertação	61
Referências da Dissertação	63
Apêndices	
Apêndice A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada	68
Apêndice B – Questionário Sociodemográfico	69

RESUMO

Caixeta, L. G. (2018). *Influências da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, MG.

A maternidade faz parte do ciclo vital e é um marco no desenvolvimento psicológico do indivíduo. A gravidez pode ser considerada um reflexo das experiências vividas ao longo de toda a vida. O exercício da maternidade exige da mulher – agora mãe – reelaborações mentais de aspectos relacionados às experiências com a própria mãe, às vivências da mãe consigo mesma e às vivências com o bebê. O objetivo dessa dissertação foi conhecer os aspectos psicológicos da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade e suas influências na relação mãe-bebê. Foram empreendidos dois estudos, em que o Estudo 1 objetivou realizar uma revisão integrativa da literatura científica acerca da influência da vivência com a própria mãe (avó materna) no exercício da maternidade até os 24 meses do bebê. A partir de buscas realizadas nas bases de dados LILACS, MEDLINE, Index Psicologia, PePSIC e SciELO, entre 2012 e 2018, nos idiomas português, inglês e espanhol, foram recuperados 11 artigos, nacionais e internacionais, analisados na íntegra. Nos trabalhos internacionais, predominaram pesquisas de metodologia quantitativa e de delineamento longitudinal. Os principais aspectos influenciadores discutidos pelos artigos foram: apego materno, transmissão intergeracional e transgeracional, e representações maternas. Os estudos apontaram a importância da história anterior da mãe com sua própria mãe para o comportamento parental na atualidade e para a construção da relação da mãe com seu bebê. Destaca-se a necessidade de publicações nacionais e de artigos qualitativos para a compreensão dos fenômenos e dos aspectos subjetivos envolvidos no exercício da maternidade. O segundo estudo objetivou conhecer o relacionamento da mãe participante com a própria mãe (avó materna), bem como compreender os aspectos psicológicos da vivência dessa mãe no exercício da maternidade. Participaram 6 mães primíparas, com idades entre 20 e 35 anos, no período de 4 a 24 meses após o parto. Os instrumentos utilizados foram questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Observou-se que as avós maternas desenvolvem um papel fundamental no exercício da maternidade da mãe, atuando como suporte e modelo parental. Aspectos da transmissão intergeracional também foram identificados. Os resultados apontam a importância de estratégias que contribuam com as orientações oferecidas a essas mães.

Palavras-chave: Maternidade; relação mãe-bebê; transmissão intergeracional; representações maternas.

ABSTRACT

Caixeta, L. G. (2018). *Influences of the experience with the own mother in the exercise of motherhood*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, MG.

Motherhood is part of the life cycle and is a milestone in the individual's psychological development. Pregnancy can be considered as a reflection of the experiences lived throughout the life. The exercise of motherhood demands from the woman - now mother - mental re-elaborations of aspects related to the experiences with the own mother, the experiences of the mother with herself and the experiences with the baby. The objective of the first study was to realize an integrative review of the scientific literature about the influence of the experience with the own mother (maternal grandparent) in the exercise of motherhood up to 24 months of the baby. Through searches conducted in the databases LILACS, MEDLINE, Index Psicologia, PePSIC e SciELO, between 2012 and 2018, in Portuguese, English and Spanish, 11 articles were retrieved, national and international, analyzed in their entirety. In the international works, researches of quantitative methodology and of longitudinal design predominated. The main influential aspects discussed by the articles were: maternal attachment, intergenerational and transgenerational transmission, and maternal representations. The studies pointed out the importance of the mother's previous history with her own mother for parental behavior in the present and for the construction of the mother's relationship with her baby. It is important to emphasize the need for national publications and qualitative articles to understand the phenomena and the subjectivity aspects involved in the exercise of motherhood. The second study aimed of the study was to know the relationship of the participating mother with the mother (maternal grandmother), as well as to understand the psychological aspects of the mother's experience in the practice of motherhood. Six primiparous mothers, aged between 20 and 35 years, participated in the period from 4 to 24 months postpartum. The instruments were a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. It was observed that maternal grandmothers play a fundamental role in the exercise of mother's motherhood, acting as support and parental model. Aspects of intergenerational transmission were also identified. The results indicate the importance of strategies that contribute to the guidelines offered to these mothers.

Keywords: Maternity; mother-Child Relations; intergenerational transmission; maternal representations.

APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação é composta por dois estudos, conforme exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP-UFTM) para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Sobre a maternidade, vêm sendo apresentadas importantes e diversas concepções ao longo da história, permeadas por fatores sociais e, inclusive, por discursos e práticas científicas. Observa-se que durante a Idade Média e Antiguidade, a maternidade foi desvalorizada, em razão do poder paterno presente na família, que trazia ao homem uma autoridade própria à sua natureza humana e, à mulher, a submissão e equiparação à condição da criança. No período moderno, a constituição da família voltou-se para uma valorização da criança e de sentimentos de ternura e intimidade entre pais e filhos, direcionando à mulher a responsabilidade do cuidado e criação dos filhos. No âmbito da ciência, uma crescente análise pode ser notada, na sociedade e no reforço do papel materno (Moura & Araújo, 2004).

O exercício da função materna tem como base a identificação com a figura materna. Essa identificação se dá pela reprodução dos cuidados recebidos da própria mãe e de outras figuras maternas, modelos para a menina desde a sua infância o que pode propiciar uma intensa revivência das identificações com a própria mãe da infância e da atualidade (Brazelton & Cramer, 1991/2002; Lopes, Prochnow & Piccinini, 2010).

Por esses motivos, o tema da maternidade sempre despertou interesse na autora. Durante o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação, através de uma revisão bibliográfica, foi possível conhecer a diversidade de aspectos psicológicos que fazem parte desse momento, considerado único na vida da mulher. Porém, na ocasião, as informações coletadas não puderam ser corroboradas na realização de uma pesquisa empírica.

Ingressar em um programa de pós-graduação *stricto sensu* tornaria possível aprofundar o conhecimento sobre o tema e investigar os aspectos psicológicos que influenciariam a relação mãe-bebê. Dentre eles, especialmente, escolheu-se abordar a história anterior da mãe, enfocando as vivências que ela teve com a própria mãe.

Assim, as pesquisas que compõem a presente dissertação buscaram conhecer as influências da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade por meio de dois tipos diferentes de estudos. O primeiro deles é uma revisão integrativa da literatura científica, que buscou identificar o que tem sido publicado a respeito do tema, considerando o início da relação mãe-filho, ou seja, até os 24 meses do bebê. Esse estudo permitiu tomar conhecimento do panorama atual acerca dos conceitos e teorias envolvidas, além das metodologias adotadas para evidenciar as influências e das lacunas para futuros trabalhos.

O segundo estudo foi realizado por meio de uma pesquisa empírica. A coleta de dados foi realizada com mães adultas, primíparas, no período de 4 a 24 meses após o parto, utilizando-se um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. O contexto inicial da pesquisa foi o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). Por ser local de trabalho da autora, pôde-se perceber a prevalência de questões referentes a transmissões intergeracionais nas famílias assistidas por esse equipamento. Buscando uma diversidade de dados, foi utilizada a amostra Bola de Neve tendo acesso a demais participantes que não fossem somente usuárias do CRAS.

Ambos os estudos se justificam pelas constatações, em estudos anteriores, de que a mãe desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Considerando a relação da mãe com a filha, esta construirá as suas representações maternas por meio do modo como ela sentiu e vivenciou as experiências com sua própria mãe. Assim, no exercício da maternidade, ela alicerçará esse importante momento nas vivências com a mãe, que influenciarão significativamente a sua relação com o bebê.

ESTUDO 1

Vivências com a própria mãe no exercício da maternidade: revisão integrativa

Experiences with the own mother in the exercise of motherhood: integrative review

Resumo

O presente artigo constitui-se de uma revisão integrativa da literatura científica acerca da influência da vivência com a própria mãe (avó materna) no exercício da maternidade até os 24 meses do bebê. A partir de buscas realizadas nas bases de dados LILACS, MEDLINE, Index Psicologia, PePSIC e SciELO, entre 2012 e 2018, nos idiomas português, inglês e espanhol, foram recuperados 11 artigos, nacionais e internacionais, analisados na íntegra. Nos trabalhos internacionais, predominaram pesquisas de metodologia quantitativa e de delineamento longitudinal. Os principais aspectos influenciadores discutidos pelos artigos foram: apego materno, transmissão intergeracional e transgeracional, e representações maternas. Os estudos apontaram a importância da história anterior da mãe com sua própria mãe para o comportamento parental na atualidade e para a construção da relação da mãe com seu bebê. Destaca-se a necessidade de publicações nacionais e de artigos qualitativos para a compreensão dos fenômenos e dos aspectos subjetivos envolvidos no exercício da maternidade.

Palavras-chave: Revisão integrativa; maternidade; relação mãe-bebê; transmissão intergeracional; representações maternas.

Abstract

The current article is an integrative review of the scientific literature about the influence of the experience with the own mother (maternal grandparent) in the exercise of motherhood up to 24 months of the baby. Through searches conducted in the databases LILACS, MEDLINE, Index Psicologia, PePSIC e SciELO, between 2012 and 2018, in Portuguese, English and Spanish, 11 articles were retrieved, national and international, analyzed in their entirety. In the international works, researches of quantitative methodology and of longitudinal design predominated. The main influential aspects discussed by the articles were: maternal attachment, intergenerational and transgenerational transmission, and maternal representations. The studies pointed out the importance of the mother's previous history with her own mother for parental behavior in the present and for the construction of the mother's relationship with her baby. It is important to emphasize the need for national publications and qualitative articles to understand the phenomena and the subjectivities aspects involved in the exercise of motherhood.

Keywords: Integrative review; Motherhood; Mother-Child Relations; Intergenerational transmission; Maternal representations.

Introdução

O exercício da maternidade é composto, conforme ressaltam os autores Lopes, Prochnow e Piccinini (2010), principalmente, por aspectos relacionados às experiências com a própria mãe, às vivências da mãe consigo mesma e às vivências com o bebê. Essas dimensões se inter-relacionam, requerendo da mulher reelaborações mentais. Segundo Brazelton e Cramer (1991/2002), a gravidez é um reflexo de toda a vida da mulher anterior à concepção. Fazem parte dessa nova adaptação, as experiências vividas com os próprios pais, as vivências do Complexo de Édipo e demais acontecimentos que a conduziram para o desenvolvimento, de maneira mais ou menos satisfatória, até a separação dos pais. Considera-se ainda, que as necessidades não satisfeitas na infância e adolescência da mulher são parte do desejo de se tornar grávida e, a partir disso, de se adequar à condição de gravidez.

Stellin, Monteiro, Albuquerque e Marques (2011) relatam ser a maternidade um processo de construção que se dá como efeito de uma operação psíquica através da qual a mulher se configurará como mãe. O exercício da função materna tem como base a identificação com a figura materna. Essa identificação se dá pela reprodução dos cuidados recebidos da própria mãe (Brazelton & Cramer, 1991/2002) e de outras figuras maternas, modelos para a menina desde a sua infância (Lopes *et al.*, 2010), propiciando uma intensa revivência das identificações com a própria mãe da infância e da atualidade. Nesse processo, ela procura construir um modelo materno próprio (Aulagnier, 1999). A partir das representações da própria mãe, ocorre uma reavaliação consciente e inconsciente do exercício do papel materno de sua mãe (Cabral & Levandowski, 2012).

As representações maternas implicam no modo de a mãe agir com o bebê. Conforme discutem Cabral e Levandowski, (2011), representações são fenômenos formados de maneira

complexa a partir do inconsciente e do consciente, através de imagens psíquicas de objetos e sensações exteriores à psique, em redes associativas que envolvem também relações e eventos. As representações são abordadas a partir de diferentes perspectivas e, na psicanálise, “se estendeu ao campo da relação pais-bebê, no qual são analisadas, dentre outras representações, as representações maternas, devido à sua importante repercussão no desenvolvimento psíquico da criança” (Cabral & Levandowski, 2011, p.189).

Dado esse motivo, atualmente tem sido tema de pesquisas, a percepção do papel que as representações maternas possuem na interação mãe-bebê. Elas podem ser determinantes para o tipo do relacionamento que a mãe estabelece com o seu bebê. As expectativas, fantasias e desejos referentes à criança, construídos pela mãe durante a gestação e anterior a ela, constituem as representações maternas. Além desses aspectos, essas representações também são formadas por percepções e sentimentos da mãe sobre o bebê, sobre si mesma como mãe ou em relação à própria mãe (Cabral & Levandowski, 2011).

Nesse sentido, encontra-se a importante contribuição de Winnicott (1999/1988) sobre a influência da capacidade de identificação na relação mãe-bebê. Esse autor refere que, durante o período da gestação, ocorre na mulher uma importante preparação, que permitirá a exclusividade de sua atenção aos cuidados do bebê. Esse fato se dá pelas recordações da mãe de já ter sido um bebê e dos cuidados recebidos de alguém. Entretanto, tais lembranças podem tanto ajudá-la quanto atrapalhá-la em seu exercício como mãe.

Cabral e Levandowski (2011) relatam, ainda, o processo de transmissão intergeracional, que ocorre pela influência da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade e que pode afetar, inconscientemente, a relação mãe-bebê atual. As identificações da mãe com a própria mãe podem ser patológicas ou construtivas, e se reproduzem na atual relação. Assim, o estudo da transmissão intergeracional propicia uma análise e entendimento do processo de identificação pais-

filhos, bem como as dificuldades apresentadas nesse processo e seu entendimento por parte dos pais. Fundamentalmente, se houver transmissão de conflitos inconscientes, estes podem comprometer o desenvolvimento da criança. Torna-se importante compreender, assim, a forma como essas identificações influenciarão a composição do modelo materno pela mãe.

A transmissão psíquica refere-se a ligações existentes com e entre diferentes níveis intrapsíquicos e intersubjetivos. Essas ligações possibilitam transformações e permitem uma diferenciação, uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado e depois adquirido. Essa transmissão ocorre desde o nascimento da criança fazendo dela um elo de uma cadeia geracional.

Dessa forma, são transmitidos,

Essencialmente, configurações de objetos psíquicos e seus vínculos com aqueles que precedem cada sujeito. Aquilo que se transmite e constitui a pré-história do sujeito é mais do que os pilares positivos, que sustentam as continuidades narcísicas e objetais, manutenção dos vínculos intersubjetivos, formas e processos de conservação e a complexidade da vida, como ideais, mecanismos de defesa, identificações, pensamentos e certezas. Essas configurações de transmissão são também fortemente marcadas pelo negativo, o que não pôde ser contido, retido, lembrado, que não encontrou inscrição na psique dos pais e que vem depositar-se na mente da criança: a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória e para os quais nenhum trabalho de luto pôde ser realizado (Hartmann & Schestatsky, 2011, p. 95).

A relação da mãe com o bebê se torna importante por ser a relação mais inicial com o outro e responsável pelo desenvolvimento psíquico. A ocorrência de falhas nesse início pode gerar patologias e sofrimento psíquico na vida adulta. Para Winnicott (1983/2007), a qualidade do cuidado materno fornece as bases da saúde mental do indivíduo, na perspectiva de uma predisposição ou ausência de psicose.

Dentre as possíveis patologias, Infrasca (2011) sugere a relação dos transtornos depressivos e de ansiedade com a influência da transmissão psíquica no desenvolvimento humano e na estruturação da personalidade. Conforme esse autor, a criança pode tomar, como parte da constituição de sua identidade, as características relacionais, emocionais e afetivas de seus pais e

da família de origem. No caso do exercício da maternidade, a constante exposição a uma dimensão materna que carrega desconforto psíquico, pode ser capaz de produzir nas filhas (mães posteriores) falhas nas frágeis defesas infantis, na base dinâmica de manifestações de problemas e ou sucessivas sintomatologias.

Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo conhecer o que a literatura científica publicada nos últimos 7 anos tem encontrado sobre a influência da relação com a própria mãe no exercício da maternidade até os 24 meses do bebê.

Método

Este estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura, que se caracteriza por empregar reunião e síntese, de forma sistemática e ordenada, de resultados de pesquisas acerca de determinado tema ou questão, permitindo um profundo entendimento de um dado fenômeno. Constitui-se em uma análise ampla da literatura acerca de uma específica temática, favorecendo criticamente discussões sobre método e resultados de pesquisas além de revelar lacunas para estudos futuros (Mendes, Silveira & Galvão, 2008).

Para se alcançar a ideia inicial, a revisão deve “seguir padrões de rigor metodológico, clareza na apresentação dos resultados, de forma que o leitor consiga identificar as características reais dos estudos incluídos na revisão” (Mendes et al., 2008, p. 760). Com este intuito, a revisão integrativa deve percorrer os seguintes passos: (1) identificação do tema e seleção da questão de pesquisa e hipóteses; (2) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/ amostragem ou busca na literatura; (3) categorização dos estudos/ definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; (4) avaliação dos estudos incluídos na revisão

integrativa; (5) interpretação dos resultados; e (6) apresentação da revisão/ síntese do conhecimento (Mendes et al., 2008; Souza, Silva & Carvalho, 2010).

Assim, esta revisão integrativa teve como pergunta norteadora: o que a literatura científica publicada nos últimos 7 anos tem encontrado sobre a influência da relação com a própria mãe no exercício da maternidade até os 24 meses do bebê?

Bases indexadoras e descritores

Foram realizadas buscas nas seguintes bases indexadoras eletrônicas: LILACS, MEDLINE, INDEX PSICOLOGIA, PePSIC e SciELO. Os descritores utilizados foram: *Mães, Maternidade, Relações mãe-criança, Relações mãe-filho, Comportamento materno, Poder Familiar, Relações Familiares*, combinados a partir da utilização do operador *booleano* “and”, com *Avós, Relação entre Gerações, Relações entre gerações, Representação parental, Representações maternas, Transmissão (Psicanálise), Transmissão Psíquica entre gerações*. Os cruzamentos também foram feitos com os equivalentes em inglês e, nesse ponto, é importante destacar que não houve diferença na tradução para o inglês dos descritores *Relação entre gerações* e *Relações entre gerações*.

Buscando uma maior abrangência e eficácia na pesquisa das publicações científicas, os descritores utilizados foram consultados previamente em *Descritores em Ciências da Saúde* (DECS) e na *Terminologia Psi-Alfabética da BVSPsi*. Essa escolha se deu com o objetivo de elencar um maior número de artigos que abordasse o tema e respondesse à pergunta norteadora, visto que existem, em diferentes bases de dados, descritores diferentes na indexação de seus artigos. Os estudos relacionados ao assunto da maternidade são muito numerosos e amplos, podendo ser utilizados vários unitermos e palavras-chaves. Dessa forma, ao ser empreendida uma busca,

pretendeu-se realizá-la de forma mais abrangente, incluindo artigos com maior proximidade ao tema e à questão norteadora.

Critérios de inclusão

Os critérios de inclusão adotados na busca foram: (i) artigos disponíveis *online* na íntegra; (ii) publicados em periódicos indexados; (iii) artigos publicados nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola; (iv) publicados entre os anos de 2012 a 2018; (v) estudos empíricos; (vi) tendo como temática a relação mãe-bebê e as influências da vivência com a própria mãe, e (vii) exercício da maternidade até os 24 meses de idade do bebê.

Critérios de exclusão

Foram excluídos na busca: (i) livros, capítulos de livro, teses, dissertações, monografia, resumos e resenhas; (ii) artigos anteriores a 2012; (iii) estudos teóricos, de revisão ou documentais; (iv) repetidos e (v) distantes da temática e objetivo deste estudo. Como exemplo de publicações muito distantes do tema investigado, podem ser mencionados estudos que traziam apenas questões do comportamento da mãe, sem abordar as influências que a relação com a própria mãe tiveram em sua maternidade; ou que falavam dos papéis da avó, de sua presença, dos cuidados dos netos ou da filha (mãe), porém não discutiam a relação da mãe com esta avó e a repercussão desta relação no exercício atual da maternidade da mãe.

Procedimentos

O levantamento e seleção dos dados foram realizados nos meses de abril a junho de 2018, conforme descritores utilizados e a combinação destes. Após empregados os critérios de inclusão e exclusão, realizou-se uma seleção a partir dos títulos encontrados. Em seguida, a leitura dos

resumos permitiu uma reunião dos artigos que tratavam do tema deste estudo, sendo então recuperados e examinados na íntegra.

Os artigos recuperados foram lidos e novamente refinados, sendo excluídos aqueles que abordavam o tema de maneira tangencial ou que não atendiam aos critérios propostos desta revisão integrativa. Em seguida, com a finalidade de extrair os dados dos estudos selecionados, estes foram organizados em uma planilha no Excel® e categorizados conforme os conteúdos dos artigos, incluindo: título, autores, ano de publicação, periódico, local da pesquisa, objetivo, principais resultados, metodologia, definição dos sujeitos, tamanho da amostra, instrumentos, procedimentos, método de análise de dados e principais resultados.

Através das categorias emergidas na etapa anterior, os artigos selecionados foram analisados, principalmente, de forma crítica e verificando o rigor dos estudos, possibilitando uma discussão embasada na interpretação e síntese dos resultados. As análises se apoiaram nos dados encontrados na literatura pesquisada. Dessa forma, as categorias apresentadas nessa revisão são: (1) metodologia dos estudos selecionados; (2) aspectos psicológicos da relação mãe-avó identificados como influenciadores no exercício da maternidade e (3) contribuições dos artigos selecionados para o tema.

Resultados e Discussão

Inicialmente, os cruzamentos permitiram encontrar 4.981 publicações. Destas, foram selecionados 1.439 artigos que atenderam aos critérios de ano de publicação, idioma e disponibilidade *online* na íntegra. Posteriormente, na leitura dos títulos, buscou-se alguma palavra que remetesse ao objeto deste estudo ou informação que se referisse à idade de bebês pesquisados, e tipo de artigo, gerando o número de 855 publicações.

Para refinar aqueles que atendiam aos critérios de relação com o tema, artigos empíricos e que abordassem o exercício da maternidade até os 24 meses do bebê, os resumos foram lidos, resultando 327 artigos. Entre estes, havia 236 publicações duplicadas. Após a leitura dos 91 artigos restantes, identificaram-se aqueles que discutiam a influência da relação com a própria mãe no exercício da maternidade, constituindo um *corpus* de 11 artigos. Todo o procedimento de busca e seleção dos estudos analisados nesta revisão pode ser observado no fluxograma exposto na Figura 1.

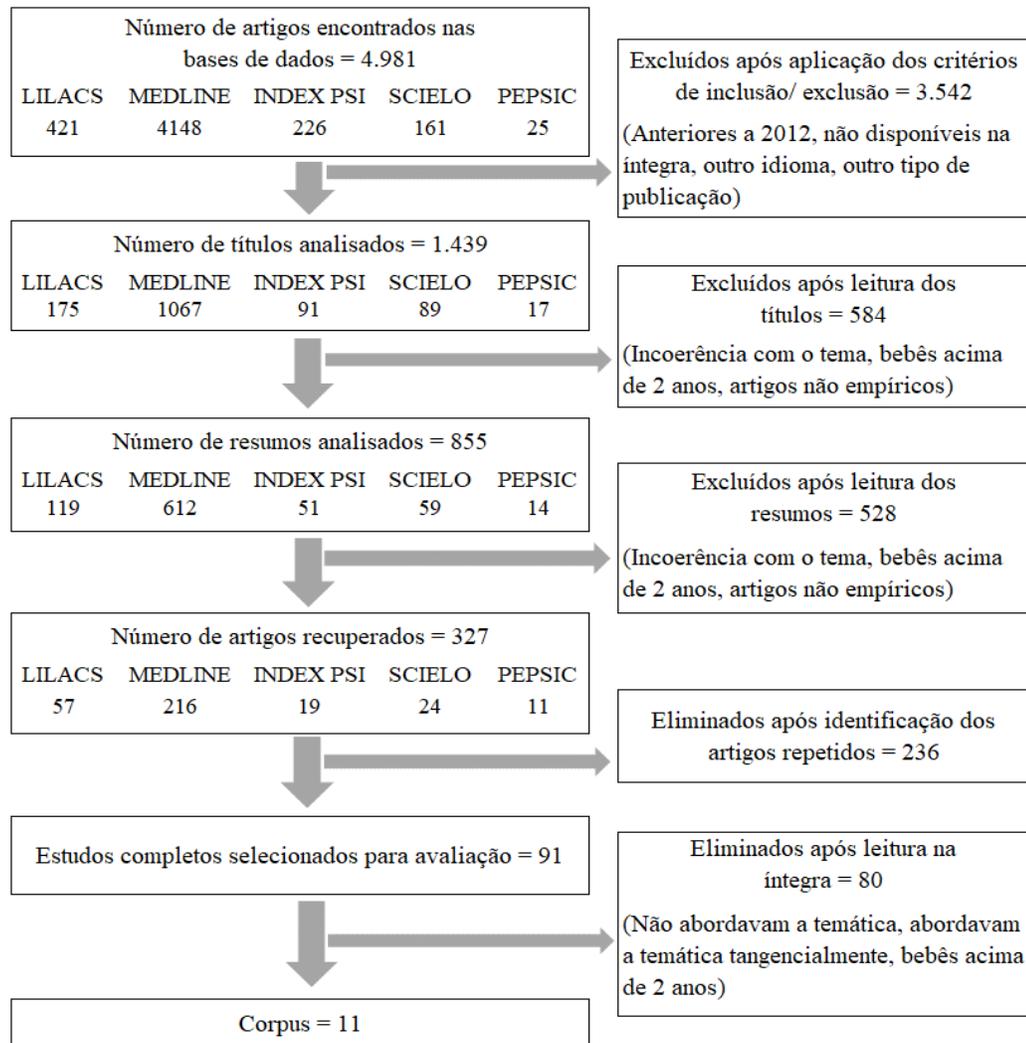


Figura 1. Fluxograma de seleção das referências.

Com a finalidade de visualizar os dados, a Tabela 1 apresenta as informações dos artigos que compõem o *corpus* desta revisão, classificados conforme títulos, autores, ano, local da pesquisa, periódico, e objetivos da pesquisa. Dos 11 artigos que responderam à pergunta norteadora, pode-se notar que, em relação ao local de pesquisa, a maioria dos estudos foi realizada nos EUA (n=4). Nos demais, têm-se dois estudos do Canadá, um da Inglaterra, um da Itália, um da Finlândia, um da Turquia e um do Brasil. Destaca-se, assim, a escassez de pesquisas desse tema realizadas no Brasil, considerando os oito últimos anos correspondentes ao período estipulado desta revisão.

Em termos do ano das publicações, as mais recentes foram de 2017 (n=2). Salienta-se que as buscas foram realizadas nos seis primeiros meses de 2018. Os anos de 2012 (n=3) e 2015 (n=3) foram os que apresentaram maior número de referências. Os outros três artigos restantes foram publicados no ano de 2013 (n=2) e 2016 (n=1). Não foram recuperadas publicações do ano de 2014.

A busca realizada sobre estudos, que abordavam a influência da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade, mostrou que os artigos investigaram o tema relacionando-o a diferentes contextos e conceitos. Dois dos artigos exploraram a temática na presença da dependência química da mãe (A7) e do abuso na infância da mãe (A2). Os principais conceitos discutidos nas pesquisas foram: representações maternas (A5, A7, A8, A10), transmissão transgeracional e intergeracional (A1, A3, A4, A6, A10, A11), apego (A2, A5, A8, A9, A11), funcionamento executivo no papel materno (A6), e familismo (A1). Dois artigos ainda trataram da qualidade da parentalidade (A4) e da parentalidade não adaptativa (A3).

Ressalta-se que quatro dos 11 artigos fizeram a pesquisa com mães adolescentes (A1, A3, A9, A10), sendo que, destes, dois enfocaram famílias de origem mexicana (A1 e A3). Essa informação é interessante, visto que esses artigos são dos EUA e os autores justificam a escolha no

Tabela 1

Apresentação e classificação dos artigos selecionados conforme título, autores, ano, local, periódico e objetivos.

Nº	Título	Autores	Ano de publicação	Periódico	Local da Pesquisa	Objetivos
A1	Grandmothers' Familism Values, Adolescent Mothers' Parenting Efficacy, and Children's Well-Being	Zeiders, K. H., Umaña-Taylor, Jahromi e Updegraff	2015	Journal of Family Psychology	EUA	Examinar os processos intergeracionais relacionados aos valores do familismo entre avós, mães adolescentes e seus filhos.
A2	In an Idealized World: Can Discrepancies Across Self-Reported Parental Care and High Betrayal Trauma During Childhood Predict Infant Attachment Avoidance in the Next Generation?	Bernstein, Laurent, Musser, Measelle e Ablow	2013	J Trauma Dissociation	EUA	Determinar se a idealização parental materna está associada prospectivamente com a evitação infantil, independente dos efeitos da psicopatologia e sensibilidade materna.
A3	Intergenerational Transmission of Maladaptive Parenting Strategies in Families of Adolescent Mothers: Effects from Grandmothers to Young Children	Seay, Jahromi, Umaña-Taylor e Updegraff	2016	Journal of abnormal child psychology	EUA	Examinar o efeito da transmissão de estratégias de educação não adaptativas de avós para mães adolescentes sobre o desenvolvimento subsequente das crianças.
A4	Intergenerational transmission of parenting: findings from a UK longitudinal study	Madden, Domoney, Aumayer, Sethna, Iles, Hubbard, Giannakakis, Psychogiou e Ramchandani	2015	The European Journal of Public Health	Inglaterra	Determinar se a transmissão de alguns aspectos intergeracionais ocorre em mães e pais, usando uma medida observada de parentalidade.
A5	Maternal attachment influences mother-infants styles of regulation and play with objects at nine months	Crugnola, Gazzotti, Spinelli, Ierardi, Caprin, e Albizzati	2013	Attachment & human development	Itália	Examinar a associação entre a qualidade das representações maternas de apego, avaliadas pela Adult Attachment Interview (AAI), e os estilos mãe-bebê de regulação da atenção e emoção

Continua

Tabela 2
Continuação

Nº	Título	Autores	Ano de publicação	Periódico	Local da Pesquisa	Objetivos
A6	Maternal executive functioning as a mechanism in the intergenerational transmission of parenting: Preliminary evidence.	Bridgett, Kanya, Rutherford e Mayes	2017	Journal of Family Psychology	EUA	Examinar as relações entre o funcionamento executivo materno e os comportamentos parentais durante as interações mãe-bebê, e examinar o papel do funcionamento executivo materno na transmissão intergeracional do comportamento parental.
A7	Maternal representations and emotional availability among drug-abusing and nonusing mothers and their infants	Flykt, Punamäki, Belt, Biringen, Salo, Posa e Pajulo	2012	Infant Mental Health Journal	Finlândia	Examinar como as representações pré-natais maternas e as mudanças representacionais predizem a disponibilidade emocional diádica mãe-bebê entre mães que abusam de drogas e mães que não usam drogas.
A8	Maternal representations and infant attachment: An examination of the prototype hypothesis	Madigan, Hawkins, Plamondon, Moran e Benoit	2015	Infant mental health journal	Canadá	Testar a hipótese do protótipo explorando as avaliações de dois aspectos das representações de apego materno ao longo da transição para a parentalidade, bem como uma avaliação do apego infantil.
A9	New insight on intergenerational attachment from a relationship-based analysis	Bailey, Tarabulsky, Moran, Pederson e Bento	2017	Development and psychopathology	Canada	Aplicar uma abordagem centrada no relacionamento com a análise de dados, em que os estados mentais adultos, a sensibilidade materna e a vinculação infantil foram concebidos como sendo três componentes de uma única relação intergeracional.
A10	Representações de mães adolescentes: aspectos intergeracionais na relação mãe-criança	Cabral e Levandowski	2012	Fractal: Revista de Psicologia	Brasil	Analisar as representações de mães adolescentes sobre suas mães e os aspectos intergeracionais existentes na relação com o bebê, conforme perspectiva psicanalítica.
A11	Transgenerational attachment in Manisa, Turkey	Şen e Kavlak	2012	Contemporary nurse	Turquia	Comprovar apego transgeracional ao determinar a relação entre os padrões de apego adulto de mães e avós, bem como a relação entre os padrões de apego adulto de mães e apego materno

fato de essas famílias apresentarem a maior taxa de natalidade em mães adolescentes entre todos os grupos étnicos dos EUA e que, provavelmente, viverão em domicílios multigeracionais (Seay, Jahromi, Umaña-Taylor & Updegraff, 2016).

Os artigos foram publicados, em sua maioria, em revistas que têm como enfoque principal a psicologia, incluindo psicologia do desenvolvimento (A7, A8, A9) e psicologia familiar (A1 e A6). Destaca-se que um dos periódicos publicou artigos sobre a Teoria do Apego (A5) e outro sobre Traumas e Dissociações (A2), especificamente. Em relação às outras áreas, têm-se uma revista sobre Saúde Pública (A4) e outra sobre Enfermagem (A11). Os autores desse último explicitam a necessidade de que profissionais de saúde apoiem as famílias na melhoria da qualidade da interação entre pais e bebês, dado que o apego é um processo multifatorial.

Análise da metodologia dos estudos selecionados

A partir da revisão realizada para responder à pergunta norteadora sobre o que a literatura tem encontrado acerca da influência da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade considera-se importante discutir os aspectos metodológicos que foram utilizados nos estudos selecionados para acessar esse tema, tais como sujeitos participantes, delineamento e instrumentos empregados. Em relação ao perfil metodológico dos artigos, a prevalência foi de pesquisas longitudinais (A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8). A utilização desse tipo de estudo pode ser explicada devido ao tema abordado, que se relaciona às experiências e memórias que a mãe possui sobre sua própria mãe, e às pesquisas que envolvem diferentes gerações. Muitos desses artigos fizeram uso dessa metodologia por se tratar de uma forma de investigação que acompanha a relação entre mãe e filha em vários momentos, aplicando instrumentos durante essa relação e, depois, comparando-a com a relação com o neto.

Estudos longitudinais são utilizados quando o pesquisador está interessado em um processo que ocorre ao longo do tempo, sendo necessário uma investigação em diferentes momentos para entendê-lo mais profundamente (Wildemuth, 2017). Nesse sentido, conforme discute Mota (2010, p.145), o delineamento longitudinal oferece vantagens, “pois permite que se acompanhe o desenvolvimento dos indivíduos ao longo do tempo, sem deixar de se controlar múltiplas variáveis que afetam o desenvolvimento”. Em outras palavras, é possível controlar as diferenças entre os indivíduos. Porém, em contrapartida, os pesquisadores possuem a dificuldade relacionada à perda de sujeitos ao longo da pesquisa.

Entre esses estudos longitudinais, verificou-se que uma quantidade significativa fazia parte de estudos e projetos maiores. Os sujeitos, já participantes desses projetos, eram selecionados conforme critérios de elegibilidade para o estudo atual e as informações poderiam, assim, ser comparadas. Isso ocorreu nos estudos (A1, A2, A3, A4, A8).

O método de pesquisa quantitativa foi amplamente utilizado nos trabalhos recuperados, compondo um total de 8 artigos (A1, A2, A3, A4, A6, A7, A9, A11). Dois estudos utilizaram a metodologia quali-quantitativa (A5 e A8) e apenas um empregou a qualitativa (A10).

O tipo de pesquisa quantitativa, segundo descrevem Mendes, Nogueira e Ribeiro (2018), é empregado em coletas de medidas quantificáveis de variáveis e inferências em amostras de uma população. Hipóteses são testadas a partir dessas medidas, por meio de uma rigorosa coleta de dados ou, ainda, de padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos. Dessa forma, nos estudos que utilizaram essa metodologia, destaca-se a aplicação de questionários e entrevistas estruturadas associando-os a variáveis, conforme os objetivos estabelecidos nesses estudos, como serão discutidos a seguir neste artigo.

Sobre a combinação das duas abordagens quali-quantitativa, destaca-se a discussão de Flick (2018) acerca do conceito de método misto. Através da apresentação do que a literatura tem

sugerido como definição para essa metodologia, o autor se refere ao estudo que inclui, em seu procedimento, ao menos um método quantitativo (projetado para coletar números) e um método qualitativo (projetado para coletar palavras e sentidos) em que nenhum destes é intrinsecamente associado a um específico paradigma de investigação.

Referindo-se ao perfil dos participantes, todas as pesquisas do *corpus* deste estudo foram realizadas com mães, sendo que seis compreendiam díades mãe-bebê (A2, A5, A6, A7, A8, A9). As avós maternas foram incluídas em 3 estudos (A1, A10 e A11). Apenas um dos artigos considerou o pai do bebê (A4). As idades das mães participantes variaram entre 15 e 44 anos. As avós possuíam, em um dos estudos, idade média de 40 anos (A1), em outro, faixa etária de 40 a 59 anos (A11), sendo que o estudo A10 não divulgou a idade das avós participantes. Dentre os artigos, seis informaram o nível socioeconômico familiar das participantes como sendo baixo (A1, A2, A3, A6, A7 e A10) e dois artigos como médio alto (A4 e A5).

Os tamanhos das amostras dos estudos recuperados foram diversificados, porém predominaram aqueles com a quantidade de participantes acima de 100 sujeitos (A1, A3, A4, A6, A7, A9 e A11). Os trabalhos que envolveram maior número de participantes foram: A1, com 180 sujeitos, e A9, com 184. A menor quantidade de participantes foi de três mães avaliadas em um estudo de caso (A10). Destaca-se ainda que um dos artigos (A7) utilizou grupo de comparação entre mães dependentes químicas e não dependentes.

Os trabalhos encontrados, em sua grande maioria, aplicaram questionários e escalas para alcançar os objetivos propostos. Esses instrumentos procuravam entender a dinâmica das relações entre avó materna-mãe e mãe-bebê, através das experiências, percepções, interações, memórias, valores e tipos de comunicação. Os dados emergidos dessas ferramentas foram comparados entre as gerações participantes dos estudos.

Dessa forma, observou-se que três instrumentos se repetiram em diferentes trabalhos. O questionário Parental Bonding Instrument, de autoria de Parker, Tupling e Brown (1979), foi aplicado em três trabalhos (A2, A4 e A6) e buscou avaliar, por meio de uma escala de autorrelato de 25 itens, as lembranças dos participantes sobre o comportamento de cuidado dos pais durante os primeiros 16 anos de vida.

O Adult Attachment Interview (AAI), de autoria de George, Kaplan e Main (1985), foi utilizado em três estudos (A5, A8, A9). Esse instrumento é constituído de uma entrevista semiestruturada, com duração de 1 a 2 horas, que pede às mães que descrevam as experiências relevantes de vinculação desde a primeira infância e avaliem o impacto dessas experiências.

Outro instrumento utilizado em dois estudos (A8 e A9) foi Strange Situation Procedure (SSP), de autoria de Ainsworth et al., (1978). Este procedimento laboratorial consiste em uma sucessão de episódios de separação e reencontro entre a mãe e seu bebê, com o objetivo de aumentar o comportamento de apego do bebê. O comportamento do bebê na reunião com a mãe é de particular interesse. Com base no comportamento do bebê durante o procedimento, as relações entre bebê e mãe são designadas para uma das quatro classificações de relacionamento de apego: seguro, evitativo, resistente e desorganizado / desorientado.

Destaca-se que dois estudos utilizaram também procedimentos vídeo gravados (A5 e A7). Por meio desses métodos, foi observada a interação entre mãe e bebê em laboratório, seguindo duas metodologias de observação: Infant and Caregiver Engagement Phase (ICEP), de autoria de Weinberg & Tronick (1999) (A5) e EA Scales, fourth edition (with subscales) de autoria de Biringen, (2008).

Diante do exposto, pode-se notar que, dos artigos que abordaram o tema desta revisão, houve um predomínio de pesquisas quantitativas. Este tipo de estudo, segundo Creswell (2010), é um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre as variáveis. Assim, os

pesquisadores buscaram abordar o tema através da aplicação de instrumentos para medidas das variáveis que supostamente estão relacionadas às influências das vivências com a própria mãe no exercício da maternidade. De acordo com os objetivos propostos, essas metodologias trouxeram resultados esperados pelos estudos. Porém, salienta-se que os achados das pesquisas devem ainda ser replicados a amostras maiores.

Aspectos psicológicos da relação mãe-avó identificados como influenciadores no exercício da maternidade

Vários aspectos psicológicos podem ser encontrados na relação mãe-filha, que se estabelecem desde os primeiros anos e estão presentes ao longo da vida, modificando-se conforme etapas do desenvolvimento e a evolução dessa relação. Na análise desses aspectos abordados nos artigos, podemos destacar o apego, a transmissão intergeracional e transgeracional, e as representações maternas.

De acordo com Bowlby (1969/2009, p. 221), o comportamento de apego se relaciona ao vínculo que liga a criança à mãe, sendo “um produto da atividade de um certo número de sistemas comportamentais que têm a proximidade com a mãe como resultado previsível”. A criança tende a permanecer em proximidade com sua mãe, através da organização e ativação de sistemas e padrões comportamentais. O comportamento de apego foi discutido em cinco artigos (A2, A5, A8, A9 e A11), que se embasaram na ideia de que o tipo do apego experienciado pela mãe, em sua própria infância, pode repercutir em seus relacionamentos ao longo de toda a vida, inclusive, na relação com seus próprios filhos. Um dos artigos (A8) discutiu a hipótese do protótipo, ou seja, que as representações de apego formadas no início da vida servem como um protótipo cognitivo, com alcance e efeitos duradouros sobre representações subsequentes e em interações de relações próximas. Nesse sentido, os resultados desse estudo mostraram que as conceituações das mães

sobre sua história de apego são concordantes com a conceituação de suas relações com os próprios filhos. Porém, ressalta-se que se trata de uma tendência, não sendo o sistema representacional inteiramente determinístico.

No estudo A2, investigou-se a repercussão de traumas sofridos pela mãe e dos cuidados parentais percebidos, ambos durante a infância desta, e a previsão do tipo de apego infantil na próxima geração. Essa hipótese foi confirmada ao se considerar a interação dessas duas medidas juntas, e não isoladamente, predizendo o apego infantil seguro *versus* o evitativo.

A relação entre díades com mães, que apresentaram nos dados coletados, apego seguro e as que apresentaram apego inseguro, mostraram haver diferenças significativas (A5). A capacidade de mães seguras compartilharem emoções e compreenderem as emoções expressas por seus bebês foi maior. Os pesquisadores puderam observar, nesse estudo, que díades com mães seguras (*versus* inseguras) mostraram uma proporção maior de estados positivos. Eles notaram ainda que as díades de mães inseguras exibiram características comuns às díades de mães deprimidas estudadas em outros trabalhos científicos. Para os autores, mães seguras pareciam mais capazes de ativar um engajamento positivo do que mães inseguras, que adotaram um envolvimento mais negativo na presença de sinais neutros do bebê.

Um dado interessante apontado pelo estudo A5 foi referente à observação da interação entre as mães e seus bebês, por meio de objetos e brincadeiras. Os pesquisadores notaram que a interação com objetos foi mediada, com maior amplitude, pelas mães. Os bebês de mães que se enquadraram na categoria de apego seguro, conforme instrumento aplicado (AAI), passaram mais tempo em atividades com objetos oferecidos pela mãe, sendo que estas também se mostraram mais envolvidas nas brincadeiras entre eles. Já as mães com apegos inseguros tiravam a atenção dos bebês frequentemente e chamavam a atenção deles. Estes, por sua vez, pareciam mais envolvidos com objetos escolhidos de forma autônoma. Os pesquisadores sugeriram que a disponibilidade limitada

de uma mãe insegura para participar de brincadeiras, poderia levar a criança a realizar atividades com os objetos sem solicitar seu envolvimento.

O estudo que buscou comprovar o apego adulto transgeracional (A11) indicou que mães que não têm um padrão de apego seguro apresentam dificuldade em desenvolver um apego seguro com seus bebês. Nesse ponto, os autores discutiram que o fato de as avós desenvolverem um vínculo seguro com suas filhas, desempenha um papel importante no desenvolvimento de um apego seguro na relação de suas filhas com seus bebês quando elas se tornam mães. Eles puderam concluir que havia uma relação significativa entre os padrões de apego das avós e das mães, e que os padrões de apego das avós influenciavam os padrões de apego das mães. Foi notado que as filhas de mães que tinham um padrão de apego seguro também desenvolveram o mesmo tipo de apego. Em outras palavras, crianças com pais que são acessíveis, sensíveis, que apoiam e respondem às suas necessidades no momento mais próximo, demonstram um padrão de apego mais seguro.

Outro trabalho (A9) fez uma relação da transmissão do apego entre mães adolescentes e mães adultas. Foi encontrado que, entre as mães adolescentes, a insensibilidade estava associada ao apego desorganizado, enquanto a insensibilidade materna nas mães adultas correspondia ao comportamento de esquiva organizado dos bebês. Isso pode estar associado a um desenvolvimento de alto risco, no caso de mães jovens, envolvendo muitas vezes mais fontes de estresse e o não apoio efetivo do desenvolvimento, na criança, de uma estratégia de esquiva organizada em resposta à parentalidade insensitiva.

A discussão do conceito de apego, dentro da temática relação mãe-bebê, torna-se importante por *atuar* como modelo para os relacionamentos afetivos futuros (Schmidt & Argimon, 2006; Hamada, 2014). Dessa forma, o apego, sendo um processo que se constitui a partir da relação entre os pais e a criança, pode repercutir na relação com o filho, uma vez que esta é formada por representações mentais de apego que os pais possuem em relação a seus próprios pais, havendo

uma transmissão intergeracional de modelo de apego (Schmidt & Argimon, 2006; Bortolini & Piccinini, 2015).

Amplamente discutido em estudos na atualidade, tem-se o conceito da transmissão intergeracional que foi investigado em quatro estudos (A1, A3, A4, A10). A transmissão intergeracional se relaciona ao contato direto entre as gerações, como entre pais e crianças, sendo transmitido, através de uma modificação, o material psíquico (Azevedo, Féres-Carneiro & Lins, 2015). É considerada estruturante e constituinte de ligações e transformações, trabalhando a favor dos vínculos (Abdala, Próchno & Silva, 2017). “De acordo com o estudo da dinâmica intergeracional, mesmo quando os filhos ao se tornarem adultos decidem adotar atitudes opostas a que apreenderam com os pais, quando casam e constituem suas próprias famílias tendem a repetir comportamentos semelhantes” (Moura, Lins, Santos & Santos, 2016, p. 69).

O aspecto da transmissão intergeracional foi evidenciado no artigo A4, que demonstrou que características parentais em mães e pais são transmitidas aos filhos. Os pesquisadores revelaram que um maior nível de afeto por parte das avós está associado a um comportamento parental mais positivo nos pais (mais "capacidade de resposta positiva" e mais "estimulação cognitiva"). Foi possível notar ainda que um maior nível de controle por parte das avós está associado a um menor engajamento das mães.

Um dos artigos (A3), ao examinar processos intergeracionais de longo prazo nas famílias de mães adolescentes de origem mexicana, ampliou o conhecimento sobre a transmissão da parentalidade não adaptativa. As estratégias disciplinares punitivas, que as mães adolescentes apresentaram com seus próprios filhos, foram impactadas pelo comportamento das avós percebido por essas mães. Práticas parentais negativas em uma geração promoveram resultados mal adaptativos na geração seguinte.

Mães adolescentes de origem mexicana também foram pesquisadas no artigo A1, em que os processos intergeracionais apareceram relacionados aos valores de familismo. Conforme conceituam os autores do estudo, familismo refere-se a comportamentos e valores relacionados à identificação e apego à família, sendo importante na cultura latina. A pesquisa sugeriu que esses valores transmitidos pelas avós previam maior apoio dos pais e comunicação com mães adolescentes durante a transição para a parentalidade. Destaca-se, que, nos contextos em que houve concessão de maior autonomia entre avós e mães, o apoio pôde ser considerado benéfico para as mães adolescentes.

Aspectos da transmissão intergeracional e as representações maternas foram discutidos no artigo A10, em que as pesquisadoras puderam confirmar a influência da transmissão intergeracional em identificações construtivas e identificações alienantes presentes nas representações de mães adolescentes sobre suas mães. As pesquisadoras notaram ainda que esse processo funciona como um norteador do exercício do papel materno e da constituição da relação atual com o bebê. As influências podem ser conscientes e inconscientes, relacionadas às vivências e aos cuidados recebidos inicialmente por suas próprias mães, bem como aos cuidados e vivências atuais.

No referido estudo, realizado com três participantes adolescentes, duas apresentaram identificações alienantes nas representações com a própria mãe, que poderiam afetar o desenvolvimento da criança. Notou-se, que, no relacionamento com as próprias mães, os aspectos considerados mais difíceis de serem elaborados pelas adolescentes, mostraram-se presentes na relação com os filhos. Esses aspectos foram revividos de maneira inconsciente, tanto que as participantes verbalizaram ideias divergentes acerca do que era observado. Já as identificações conscientes foram aquelas consideradas construtivas na representação sobre a própria mãe. Esses aspectos foram mais facilmente abordados, podendo ter sido fatores positivos experimentados na

própria relação com a mãe. Tais aspectos indicam características particulares da identidade materna em construção por cada uma das participantes.

No trabalho que examina as representações maternas entre mães dependentes químicas, as representações diretamente associadas à futura maternidade – representações da criança e do *self* materno - não foram mais negativas entre os usuários de drogas do que entre as mães normativas. Os resultados mostraram ainda que, em relação à sua própria mãe, as mães que abusam de drogas não relataram mais representações pré-natais negativas do que as outras mães que foram comparadas. Os autores discutem que o resultado é inesperado, considerando que as mães que abusam de drogas geralmente têm histórias familiares difíceis ou até traumáticas envolvendo experiências de perda, violência, negligência e abuso de substâncias por membros da família, especialmente por sua própria mãe. Os pesquisadores sugeriram que a ausência dessa ativação pode ser explicada pelo uso típico de fortes defesas de negação e idealização entre mães que abusam de drogas. Essas defesas podem ser usadas como uma tentativa de se proteger contra a ansiedade intensa, ameaçando a capacidade de formar e manter uma postura positiva em relação à própria maternidade. No entanto, esse mecanismo de defesa também pode impedir o processo normal de construir a própria identidade materna separada da identidade da própria mãe. A falta de reconciliação com a história pregressa de adversidade e a negação dos próprios problemas graves, por meio do vício em drogas, podem resultar no perigo de transmissão intergeracional de pais negativos e até mesmo abusivos.

Contribuições dos artigos selecionados para o tema

Os artigos elencados nessa revisão trouxeram importantes contribuições. Em relação à metodologia, o delineamento longitudinal permitiu o acompanhamento de indivíduos e coleta de dados em diferentes tempos, conforme relatam os autores dos artigos A1, A3 e A7.

As evidências sobre o apego se somam ao crescente corpo de pesquisas que delineiam antecedentes da relação de apego bebê-mãe. Considerando os diferentes modelos de apego materno, seguros e inseguros, distinguiram estilos de regulação mãe-bebê de atenção e emoção examinadas tanto em níveis individuais quanto diádicos. No caso de díades com mães inseguras, estas podem ser um fator de risco precoce para o subsequente desenvolvimento socioemocional da criança (A5, A8, A9, A11).

Em relação ao familismo, notou-se que os valores que o caracterizam são importantes para os processos de educação de mães adolescentes latinas. Os valores das avós proporcionaram um contexto em que as mães adolescentes se sentiam mais apoiadas (A1). Outro conceito, que se destacou, foi o funcionamento executivo materno, conforme descoberta dos autores de seu papel mediador nas associações de comportamento parentais entre gerações (A6).

O estudo com mães dependentes químicas mostrou que a representação da própria mãe como mãe também pode se modificar positivamente e persistir após o término da terapia, o que ajudaria a mãe a se relacionar mais facilmente com seu filho. É vital tornar-se consciente das próprias dificuldades da infância, mas também reconciliar essas experiências. O trabalho clínico é crucial para evitar que os conteúdos representacionais maternos não processados e tendenciosos sejam transferidos para a interação mãe-bebê (A7).

Em relação à parentalidade, uma importante contribuição foi apresentada pelo artigo A4, detectando que o comportamento parental de mães e pais está associado à parentalidade das avós, e não dos avós. Potencialmente destaca-se um papel maior da mãe, como principal cuidadora, com uma influência maior sobre o aprendizado de seus filhos.

As práticas mal adaptativas puderam ser acompanhadas no estudo A3 de maneira única, ao utilizar uma amostra de três gerações, incluindo mães adolescentes. Os outros trabalhos que foram realizados com esse objetivo, concentraram-se em comportamentos parentais em crianças mais

velhas. Os diferentes índices de parentalidade mal adaptativa (psicológica e física), examinados nas três gerações, foram identificados como mediador desse processo, a partir tanto das medidas observadas quanto dos relatos dos pais sobre os efeitos nas crianças.

Considerações finais

A revisão integrativa acerca do tema da influência da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade permitiu conhecer aspectos importantes que fazem parte da relação mãe-filha. Pôde-se perceber que há uma concentração de artigos que envolvem o estudo do apego, por este ser considerado na literatura um importante preditor dos tipos de relações que se desenvolverão ao longo da vida com pessoas próximas. Conforme resultados apresentados pelos estudos, têm-se evidências dessas repercussões na infância inicial, a partir das repetições dos tipos de apegos que as mães relataram ter com suas próprias mães.

As transmissões intergeracionais e transgeracionais foram pesquisadas, principalmente, em relação à parentalidade recebida pelas mães participantes dos estudos. Discutir o conceito da intergeracionalidade se torna importante, uma vez que traz a oportunidade de modificação de material psíquico herdado da geração anterior. Esse tipo de transmissão envolve reelaborações de vivências passadas, que tendem a se repetir nas relações atuais entre a mãe e seu bebê.

A revisão integrativa revelou ainda a grande quantidade de artigos que são realizados com mães adolescentes, buscando compreender a dinâmica da relação destas com a própria mãe, uma vez que mães adolescentes, frequentemente, necessitam mais do suporte dos avós nos cuidados dos filhos. A adolescência, por si só, é uma época da vida permeada por transformações psicológicas e, havendo a presença da gravidez, nota-se a relevância de intervenções que possam ser feitas nesse período.

Os resultados das buscas realizadas forneceram um número expressivo de publicações, principalmente de metodologia quantitativa. Essas pesquisas oferecem vantagens relacionadas à possibilidade de se utilizar amostras maiores, porém, no estudo das relações e fenômenos psicológicos, é importante que se busque compreendê-los de maneira aprofundada. Dessa forma, a revisão aponta a necessidade de mais pesquisas qualitativas acerca do tema.

Referências

- Abdala, A. T. C. P., Próchno, C. C. S. C., & Silva, L. C. A. da. (2017). A transmissão psíquica do fantasma patológico enquanto objeto transgeracional: uma Análise do filme “Volver”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(1), 207-222.
- Aulagnier, P. (1999). Nascimento de um corpo, origem de uma história. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(3), 9-45.
- Azevedo, L. J. C. D., Féres-Carneiro, T., & Lins, S. L. B. (2015). A família e a transmissão psíquica. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 13, 57-71.
- Bailey, H. N., Tarabulsky, G. M., Moran, G., Pederson, D. R., & Bento, S. (2017). New insight on intergenerational attachment from a relationship-based analysis. *Development and psychopathology*, 29(2), 433-448.
- Bernstein, R. E., Laurent, H. K., Musser, E. D., Measelle, J. R., & Ablow, J. C. (2013). In an idealized world: Can discrepancies across self-reported parental care and high betrayal trauma during childhood predict infant attachment avoidance in the next generation?. *Journal of Trauma & Dissociation*, 14(5), 529-545.
- Bortolini, M., & Piccinini, C. A. (2015). Transmissão intergeracional do apego seguro: evidências a partir de dois casos. *Psicologia em Estudo*, 20(2).
- Bowlby, J. (2009) *Apego: a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1969).
- Brazelton, T. B.; Cramer, B. (2002). *The earliest relationship: parentes, infants and the drama of early attachment*. London: Karnac Books. (Originalmente publicado em 1991).
- Bridgett, D. J., Kanya, M. J., Rutherford, H. J., & Mayes, L. C. (2017). Maternal executive functioning as a mechanism in the intergenerational transmission of parenting: Preliminary evidence. *Journal of Family Psychology*, 31(1), 19.

- Cabral, S. A., & Levandowski, D. C. (2011). Representações maternas: teóricos e possibilidades de avaliação e intervenção clínica. *Estilos da Clínica*, 16(1), 186-203.
- Cabral, S., & Levandowski, D. (2012). Representações de mães adolescentes: aspectos intergeracionais na relação mãe-criança. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(3), 543-562.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Crugnola, C. R., Gazzotti, S., Spinelli, M., Ierardi, E., Caprin, C., & Albizzati, A. (2013). Maternal attachment influences mother–infant styles of regulation and play with objects at nine months. *Attachment & human development*, 15(2), 107-131.
- Flick, U. (2018). *Doing triangulation and mixed methods* (Book 9 of The SAGE Qualitative Research Kit, 2nd ed.). London: Sage.
- Flykt, M., Punamäki, R. L., Belt, R., Biringen, Z., Salo, S., Posa, T., & Pajulo, M. (2012). Maternal representations and emotional availability among drug-abusing and nonusing mothers and their infants. *Infant Mental Health Journal*, 33(2), 123-138.
- Hamada, L. R. dos S. (2014). *Mãe, agora eu também sou...: estudo qualitativo sobre o impacto da maternidade de mulheres primíparas na qualidade da díade mãe-filha*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP, Porto, Portugal. Recuperado de <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78540/2/34617.pdf>>
- Hartmann, I. B., & Schestatsky, S. (2011). Transmissão do psiquismo entre as gerações. *Rev. bras. psicoter*, 13(2), 92-114.
- Infrasca, R. (2011). From mother to daughter. Psychic disease: genetic or environmental influence?. *Clinical Management Issues*, 5(3), 87-93.
- Lopes, R. D. C. S., Prochnow, L. P., & Piccinini, C. A. (2010). A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicologia em estudo*, 15(2), 295-304.
- Madden, V., Domoney, J., Aumayer, K., Sethna, V., Iles, J., Hubbard, I., Giannakakis, A., Lamprini Psychogiou & Ramchandani, P. (2015). Intergenerational transmission of parenting: Findings from a UK longitudinal study. *The European Journal of Public Health*, 25(6), 1030-1035.
- Madigan, S., Hawkins, E., Plamondon, A., Moran, G., & Benoit, D. (2015). *Infant mental health journal*, 36(5), 459-468.
- Mendes, A. M. dos S., Nogueira, R. M. G. P., & Ribeiro, S. R. P. (2018). Estratégias de investigação e os métodos científicos. In J. H. da S. Felix (Org.). *Como escrever bem: projeto de pesquisa e artigo científico*. Curitiba: Appris.

- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Mota, M. M. P. E. (2010). Metodologia de pesquisa em desenvolvimento humano: velhas questões revisitadas. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 144-149.
- Schmidt, E. B., & Argimon, I. de L. (2006). Vinculação do adulto e o apego materno fetal. *UNOPAR Cient., Ciênc. Biol. Saúde*, 8(1), 55-62.
- Seay, D. M., Jahromi, L. B., Umaña-Taylor, A. J., & Updegraff, K. A. (2016). Intergenerational transmission of maladaptive parenting strategies in families of adolescent mothers: effects from grandmothers to young children. *Journal of abnormal child psychology*, 44(6), 1097-1109.
- Souza, M. T., da Silva, M. D., & de Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-6.
- Stellin, R. M. R., Monteiro, C. F. D. A., Albuquerque, R. A., & Marques, C. M. X. C. (2011). Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. *Estilos da clínica*, 16(1), 170-185.
- Wildemuth, B. M. (2017). Longitudinal Studies. In B. M. Wildemuth (Ed.). *Applications of social research methods to questions in information and library Science* (Cap. 9, pp. 71-80). Santa Barbara: ABC-CLIO.
- Winnicott, D.W. (1999). *Os bebês e suas mães*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (2007) *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 1983).
- Zeiders, K. H., Umaña-Taylor, A. J., Jahromi, L. B., & Updegraff, K. A. (2015). Grandmothers' familism values, adolescent mothers' parenting efficacy, and children's well-being. *Journal of Family Psychology*, 29(4), 624-634.

ESTUDO 2

Influências da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade

Influences of the experience with the own mother in the exercise of motherhood

Resumo

A maternidade faz parte do ciclo vital e é um marco no desenvolvimento psicológico do indivíduo. A gravidez pode ser considerada um reflexo das experiências vividas ao longo de toda a vida. O exercício da maternidade exige da mulher – agora mãe – reelaborações mentais de aspectos relacionados às experiências com a própria mãe, às vivências da mãe consigo mesma e às vivências com o bebê. O objetivo deste estudo foi conhecer o relacionamento da mãe participante com a própria mãe (avó materna), bem como compreender os aspectos psicológicos da vivência dessa mãe no exercício da maternidade. Participaram 6 mães primíparas, com idades entre 20 e 35 anos, no período de 4 a 24 meses após o parto. Os instrumentos utilizados foram questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Observou-se que as avós maternas desenvolvem um papel fundamental no exercício da maternidade da mãe, atuando como suporte e modelo parental. Aspectos da transmissão intergeracional também foram identificados. Os resultados apontam a importância de estratégias que contribuam com as orientações oferecidas a essas mães.

Palavras-chave: Maternidade; relação mãe-bebê; transmissão intergeracional; representações maternas.

Abstract

Motherhood is part of the life cycle and is a milestone in the individual's psychological development. Pregnancy can be considered as a reflection of the experiences lived throughout the life. The exercise of motherhood demands from the woman - now mother - mental re-elaborations of aspects related to the experiences with the own mother, the experiences of the mother with herself and the experiences with the baby. The objective of the study was to know the relationship of the participating mother with the mother (maternal grandmother), as well as to understand the psychological aspects of the mother's experience in the practice of motherhood. Six primiparous mothers, aged between 20 and 35 years, participated in the period from 4 to 24 months postpartum. The instruments were a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. It was observed that maternal grandmothers play a fundamental role in the exercise of mother's motherhood, acting as support and parental model. Aspects of intergenerational transmission were also identified. The results indicate the importance of strategies that contribute to the guidelines offered to these mothers.

Keywords: Maternity; mother-Child Relations; intergenerational transmission; maternal representations.

Introdução

A maternidade faz parte do ciclo vital e é um marco no desenvolvimento psicológico do indivíduo, assim como a paternidade (Silva, Vilela & Scorsolini-Comin, 2013). A função materna é vivenciada pela mulher desde a infância, através das brincadeiras com bonecas e bichinhos, o que pode ser visto como um ensaio para a maternidade (Cabral & Lavandowski, 2011).

A gravidez pode ser considerada como uma experiência regressiva, que leva a mulher a vivenciar intensos sentimentos de desamparo e ansiedade, demandando das pessoas ao seu redor proteção e amparo, além de ser um reflexo das experiências vividas ao longo de toda a vida (Brazelton & Cramer, 1991/2002). Essa regressão não indica necessariamente uma condição patológica, pois faz parte do movimento de identificação da mãe com o bebê (Silva *et al.*, 2013), que permite um aumento da sensibilidade e retraimento psicológico da mãe, que passa a se responsabilizar pelo bebê, garantindo cuidados básicos. Winnicott (1999/1988) afirma que é um período no qual a mulher passa por uma importante preparação, que lhe possibilitará dedicar sua atenção exclusivamente aos cuidados do bebê.

Por ser uma experiência única, a gravidez (Aulagnier, 1999; Brazelton & Cramer, 1991;) faz com que a mulher passe por diversas mudanças físicas e hormonais; ela se prepara com expectativas, sonhos, medos e fantasias sobre como será o seu bebê e como ela desempenhará o seu papel de mãe, além de como o seu companheiro será enquanto pai e como será sua vida com a chegada do bebê (Lopes, Prochnow & Piccinini, 2010). Outros autores ressaltam que conceber um filho é um projeto que nasce do encontro de um homem e de uma mulher, podendo ser consciente ou não, e sofrer diversas configurações que farão parte da história da criança (Nóbrega, 2005; Bowlby, 2006; Winnicott, 1965/2001). No caso de mãe primípara, a mulher tem que reorganizar muitas coisas em sua vida: tem que fazer tanto o luto de um corpo alterado pela gestação, quanto

o luto de sua própria identidade, em que ela deixa de ser somente filha, esposa e profissional, tornando-se mãe (Lopes *et al.*, 2010; Silva *et al.*, 2013; Zanatta, Pereira & Alves, 2017).

Com o nascimento do bebê, a mulher passa a desenvolver várias tarefas, entre elas aceitar o fim do sentimento de fusão com o feto e das fantasias de completude, adaptar-se a um novo ser que lhe recorda sentimentos de estranheza e de luto pela perda do bebê fantasiado e perfeito, suportar o medo de lidar com o bebê e feri-lo, além de aprender a entender e tolerar as exigências provocadas pela dependência da criança (Lopes *et al.*, 2010). De acordo com Winnicott (2000), nessa etapa inicial ocorre a preocupação materna primária, que pode ser entendida como um estado psicológico da mãe ao final da gravidez, que dura até algumas semanas após o nascimento do bebê. O autor ressalta que é um período marcado por uma sensibilidade exacerbada com um inteiro direcionamento aos cuidados com o bebê.

A maternidade é um processo de construção da identidade da mãe e do vínculo com o bebê. Winnicott (2000) descreve a mãe dedicada comum, que, nesse período, adaptar-se-á sensível e delicadamente às necessidades do bebê. Essa dedicação é necessária uma vez que as experiências infantis são fundamentais para o estabelecimento de vínculos afetivos futuros. Portanto, o exercício da maternidade estará alicerçado na identificação com a figura materna, tendo como pano de fundo o vínculo com os pais, dentre outros aspectos (Lopes *et al.*, 2010; Gutierrez & Pontes, 2011). Segundo esses autores, essa identificação é pautada pela imitação dos cuidados recebidos da própria mãe e também de outras figuras maternas que se tornaram modelos desde a infância da menina, que podem ajudá-la ou atrapalhá-la em seu exercício como mãe (Winnicott, 1988/1999).

O conceito de representação materna está ligado a ideias que precedem o nascimento do bebê, antes mesmo da gravidez, relacionadas à organização de fantasias ou de expectativas ligadas à concepção e ao desenvolvimento da criança, criando um campo subjetivo da relação mãe-bebê (Cabral & Levandowski, 2012; Silva *et al.*, 2013), juntamente com os aspectos transgeracionais e

intergeracionais (Cabral & Levandowski, 2011). As autoras ressaltam que há diferentes denominações para esse fenômeno, mas destaca-se como as vivências atuais e passadas norteiam a relação mãe-bebê. As representações influenciam os diferentes tipos de interação entre o bebê e seus cuidadores, podendo facilitar ou não a instauração de vínculos afetivos seguros (Zornig, 2010).

Os trabalhos de Stern sobre a constelação da maternidade e relações interpessoais na primeira infância indicam como as representações dos pais sobre o bebê e sobre eles mesmos como pais desempenham um papel importante na natureza dos vínculos, a partir de dados de pesquisas sobre o apego, por exemplo. Os resultados dessas pesquisas indicam que as representações das mães sobre a sua própria mãe são um fator de predição do padrão de apego que será estabelecido com o bebê. Contudo, o aspecto mais preditivo não são os acontecimentos e comportamentos do passado, mas a forma como a história é passada, organizada em uma narrativa (Zornig, 2010).

Lopes *et al.*, (2010) ressaltam que o exercício da maternidade exige da mulher – agora mãe – reelaborações mentais de aspectos relacionados às experiências com a própria mãe, às vivências da mãe consigo mesma e às vivências com o bebê. A importância dessas vivências aponta para a relevância do processo de transmissão intergeracional (Cabral & Levandowski, 2011), que, diferentemente da transmissão transgeracional (que acontece entre gerações distantes e os membros nem sempre chegam a estabelecer contato direto), já que a primeira ocorre apenas em gerações cujos membros mantêm contato; há uma herança psíquica que é passada entre gerações. Nesse sentido, na maternidade, os aspectos intergeracionais têm como eixo principal o processo de identificação da mãe com a sua própria mãe e podem ser alienantes/patológicos ou construtivos, podendo vir a se repetir na sua relação atual com a criança.

O estudo dessa transmissão intergeracional tem como objetivo principal a análise e compreensão das dificuldades encontradas na relação e identificação mãe-filho (Cabral & Levandowski, 2011), que pode ser investigada das seguintes formas: através da análise da interação

diádica e/ou triádica e das representações fantasmáticas identificadas na relação mãe-criança. Ambos os aspectos podem influenciar na construção da identidade materna e no desenvolvimento psíquico da criança. Os trabalhos de Winnicott e de Bion (Almeida, Ataíde, Nascimento, Pires & Caldeira da Silva, 2003) evidenciam a importância do mundo fantasmático da mãe, por meio da identificação projetiva, na construção do sentido de identidade da criança.

Nesse contexto, considerando a gestação como um período fundamental para a construção da relação mãe-bebê (Silva *et al.*, 2013) e entendendo que esse período, assim como a maternidade, é significativo na vida da mulher por proporcionar vivências emocionais intensas (Zanatta, Pereira & Alves, 2017), torna-se importante o aprofundamento de pesquisas nessa área. Torna-se, ainda, mais premente a discussão sobre as representações maternas e como estas influenciam ou não a vivência dessa mãe no exercício da maternidade. A partir dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo conhecer o relacionamento da mãe participante com a própria mãe (avó materna), bem como compreender os aspectos psicológicos da vivência dessa mãe no exercício da maternidade.

Método

Tipo de estudo

Este é um estudo empírico, do tipo qualitativo, descritivo e transversal. Conforme Turato (2005), essa metodologia tem o propósito de compreender o significado individual ou coletivo, em suas vidas, sobre um determinado fenômeno, pretendendo conhecer o que esses fenômenos representam para essas pessoas. Parte-se do princípio de que elas estruturarão suas vidas de acordo com tais significados. O emprego da pesquisa qualitativa, para Rey (2005), no estudo da

subjetividade, pauta-se na elucidação e no entendimento dos complexos processos que compõem a subjetividade.

Participantes

Participaram da pesquisa seis mães primíparas (n=6), no período de 4 a 24 meses após o parto, tendo como critérios de inclusão o fato de essas mães estarem casadas ou em união estável, com registro civil, ou não, há pelo menos 18 meses e morando com o marido; mães com idade entre 20 e 35 anos. As mães ainda deveriam manter contato com a própria mãe. O critério de exclusão era não existir nenhuma doença grave na mãe, no bebê ou no pai do bebê. O número de participantes refere-se ao tempo estabelecido de dois meses para a coleta de dados.

A Tabela 1 caracteriza as participantes em termos de idade, nível de escolaridade e socioeconômico, assim como o tipo de união com o pai do bebê. A sequência com a qual os participantes aparecem na tabela, corresponde à ordem em que eles foram submetidos à aplicação das técnicas de coleta.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada áudio gravada, que, conforme Turato (2008), ocorre por meio da proposição pelo pesquisador de um tema geral e a associação de ordem livre que o entrevistado faz acerca do assunto. A partir de perguntas abertas definidas antecipadamente e conforme os relatos do entrevistado, o pesquisador aprofunda o assunto, realizando perguntas adicionais. O investigador pode também direcionar o participante ao tema investigado, se ocorrer de o sujeito se desviar ou apresentar dificuldades para discorrer sobre o assunto (Boni & Quaresma, 2005).

Procedimentos

O projeto foi apresentado à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais, com a finalidade de obter autorização para realizar a pesquisa com usuárias do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). Em seguida à autorização, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e, após tramitação, recebeu aprovação sob o parecer número 2.703.148.

Tabela 1.
Caracterização das participantes do estudo (n=6)

	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Idade	28 anos	21 anos	32 anos	35 anos	34 anos	31 anos
Escolaridade	Pós-graduação completo.	Fundamental incompleto	Pós-graduação completo.	Médio Completo	Pós-graduação completo.	Pós-graduação completo.
Estado Civil	União Estável com registro Civil	União Estável sem registro Civil	Casada	União Estável sem registro Civil	Casada	Casada
Tempo do estado civil	2 anos	8 anos	2 anos e 6 meses	5 anos	6 anos	6 anos
Mora com quem?	Marido e filha	Marido e filho	Marido e filha	Marido, filha, mãe e pai	Marido e filho	Marido e filho
Idade do bebê	1 ano e 2 meses	1 anos e 2 meses	10 meses	7 meses	5 meses	4 meses
Profissão	Funcionária pública	Do lar	Funcionária pública	Desempregada	Do lar	Funcionária pública
Profissão do marido	Funcionário público	Autônomo	Funcionário público	Desempregado	Técnico de segurança do trabalho	Engenheiro civil
Renda familiar bruta	Acima de Seis salários mínimos	Até um salário mínimo	Acima de Seis salários mínimos	De 1 a 2 salários mínimos	De 4 a 6 salários mínimos	Acima de Seis salários mínimos
Estado civil atual dos avós maternos	Separados	Separados	Casados	Casados	Mãe viúva	Casados
Idade da avó materna	53 anos	54 anos	54 anos	60	59 anos	50 anos
Realizou pré-natal	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Local	Privado	SUS	Privado	SUS	Privado	Privado

Posteriormente, foram feitos contatos e visitas às unidades de CRAS existentes no município, para conversar com a equipe técnica, apresentar o projeto, os critérios de inclusão e exclusão e solicitar indicações de usuárias dos serviços do CRAS, atendidas ou acompanhadas pela unidade. Diante disso, as participantes em potencial foram contatadas, apresentando-se o objetivo dos estudos e confirmando os critérios de inclusão e exclusão. Após a aceitação voluntária em participar das entrevistas, estas foram agendadas.

Das seis entrevistas, quatro foram feitas na residência das participantes. As demais, foram realizadas em uma sala reservada na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Na ocasião, foram lidos e coletadas as assinaturas do TCLE e preenchido o questionário sociodemográfico, dando início às entrevistas.

Foi realizado apenas um encontro com cada participante, tendo a entrevista duração média de 1 hora e 30 minutos. Ao final das entrevistas, solicitou-se às participantes indicações de outras pessoas, compreendendo, assim, a amostragem Bola de Neve.

Análise dos Dados

As entrevistas foram audiogravadas e transcritas na íntegra, constituindo-se o *corpus* da pesquisa. Os dados foram analisados conforme a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2010), sendo o material recortado em fragmentos, em uma análise temática, e reagrupado em categorias segundo características comuns a eles. Para a discussão dos dados, foi utilizada a abordagem psicanalítica como referencial teórico para a compreensão e o tratamento das informações coletadas.

Resultados e discussão

A partir da análise dos dados, emergiram três categorias temáticas: (1) A relação entre a mãe e a avó materna; (2) Aspectos psicológicos da vivência da mãe participante com a própria mãe no exercício da maternidade; (3) A participação da avó materna e rede de apoio durante e após a gravidez.

A relação entre a mãe e a avó materna

Esta primeira categoria refere-se aos relatos das mães participantes a respeito de como era o relacionamento passado com a própria mãe, durante e após a gravidez. O relacionamento da mãe com a própria mãe parece ser bastante significativo para a vida da mulher. As participantes descrevem que possuem um relacionamento muito próximo, de apoio e suporte entre elas. *“É muito bom! É bem próximo! A gente conversa muito, ela me apoia muito, me dá muito suporte em tudo que eu preciso. É muito próximo”* (P3); *“Muito bom! É muito amiga, nossa, amo demais! [...] ela é muito companheira, pra tudo, sabe”* (P4); *“Ela é muito aquela mãe grudenta, ela quer saber que tá acontecendo. Ela sempre preocupa, liga, ela só não vai muito na minha casa porque... eu venho mais [na casa da mãe] ...”* (P6).

Esse apoio foi descrito pelas mães tendo sido maior ainda no período da gestação. No momento da descoberta da gravidez, as mães relataram sentimentos de estarem assustadas, com medo do futuro e da responsabilidade de ter um filho. Esses sentimentos eram compartilhados com suas próprias mães que adotavam uma postura de empatia, amparo e suporte. Esse suporte, principalmente emocional, permitia às mães uma segurança para enfrentamento do que poderia vir a seguir. Alguns relatos ilustram esse ponto:

Mas quando eu engravidei, quando... Eu queria muito, mas quando eu engravidei, eu fiquei meio assim, porque eu fiquei com medo de não dar conta, meio que assustada, primeiro filho, né? Tava, por pagar aluguel e ganhar um salário, não dar conta de conseguir, manter ela e fazer tudo. (P4)

Mas eu fiquei feliz, assim. Foi, foi, eu sabia que dali iria vir um turbilhão de coisas diferentes, assim, de, de... é vivências que eu nem podia imaginar, mas foi tranquilo no sentido de que não foi uma coisa que “nossa, eu não tava preparada, não era pra ser” não, sabe, foi super tranquilo, eu fiquei feliz. Eu fiquei assustada, mas feliz. (P3)

Conforme Leite, Rodrigues, Sousa, Melo, & Fialho (2014), a descoberta da gravidez, frequentemente, é acompanhada de diversos tipos de emoção, como surpresa, alegria e, algumas vezes, medo. A vivência dos sentimentos positivos é influenciada por fatores como o planejamento pessoal e, principalmente, o desejo da mulher em relação à maternidade. Na fala anterior da P3, pode-se inferir que a ausência do sentimento de não estar preparada para a gravidez a auxiliou no exercício de sua maternidade. Quando ocorre o contrário, principalmente, se falta apoio do companheiro ou da família, misturam-se sentimentos de insegurança e solidão (Leite *et al.*, 2014). Dessa forma, sugere-se que a avó materna pode contribuir para que a mãe lide positivamente com esses sentimentos.

Sobre o relacionamento passado, durante a adolescência as participantes relataram haver algumas pequenas divergências relacionados à vontade de sair e a mãe não permitir. Porém, estas não foram percebidas como grandes conflitos: “*Os conflitos, as brigas normal de adolescente. Querer sair e ela não querer deixar... Essas coisas só*” (P1).

Foi bem marcado assim, foi meio, ela já meio que criticava como eu andava, “ai, anda direito, ai olha a sua postura”. E isso me irritava. Isso é meio que a gente se distanciou um tempo. Mas foi muito curto, assim. (P3)

A adolescência é uma fase permeada por períodos de ambivalência e instabilidade dos sentimentos e das emoções, de reestruturação da imagem corporal e egoica (Santos & Motta, 2014; Santos, Teston, Cecílio, Serafim & Marcon, 2015). Isto poderia explicar as referidas divergências entre as mães participantes e as avós maternas nesse período, gerando, assim, um distanciamento temporário entre elas. Conforme revisa Thomazini e Scapin (2015), a partir da teoria psicanalítica, o processo de separação entre mãe e filha, que permitirá à filha tornar-se mulher, pertence ao seu desenvolvimento e à estruturação desta como sujeito.

Na relação com a avó materna após o nascimento do bebê, os relatos das mães indicavam uma diferença, em comparação a antes da gravidez, com ambas se tornando mais próximas e havendo uma atenção voltada para o bebê.

Minha mãe é outra coisa conosco, comigo e com ele hoje. Tipo, ela me enxerga como mãe do B5, não como P5 mais. Tipo, “a minha filha... vou ligar pra saber notícia da minha filha”. Não, “eu vou ligar pra saber notícia do meu neto”. Hoje é P5 mãe do B5. Não é só P5, filha, mais. Muda. No sentido positivo, acredito. (P5)

Neste ponto, é interessante destacar que, apesar de, nos relatos iniciais, as mães terem verbalizado que não houve mudança, observou-se uma diferença no relacionamento passado com o atual entre mãe e avó materna. Este dado mostra uma tendência da participante em não identificar conscientemente as repercussões da gravidez na relação entre ela e sua própria mãe.

Como é discutido por Zanatta *et al.* (2017), a presença da própria mãe no período após o nascimento do filho é de grande valia para a mãe. A ajuda entre elas ocorre na troca de experiências e acolhimento, que promove uma segurança em relação ao papel materno e permite uma reestruturação da relação mãe e filha.

Aspectos psicológicos da vivência da mãe participante com a própria mãe no exercício da maternidade

Nesta categoria, as mães expressaram sentimentos relacionados ao significado de ser mãe para elas. A partir desses significados, pode-se correlacioná-los à vivência que as participantes tiveram com a própria mãe. Conforme Santos e Motta (2014), muitas variáveis interferem na relação mãe e filho, como, a experiência pessoal, os legados inter e transgeracionais, as condições históricas, sociais e econômicas. Estes aspectos podem ser notados em várias falas das participantes, como: *“Ah, como... assim, ela [avó materna] sempre foi calma, resolvia as coisas bem com calma, eu também sou desse jeito”*. (P1)

A figura de apoio feminina, na maior parte a própria mãe, é um importante modelo de identificação para a mãe. *“Essa figura seria alguém em quem a mãe possa se espelhar para ajudá-la a expressar e desenvolver as capacidades e sentimentos maternos”* (Vivian & Cardoso, 2017, p. 49).

A [família] que eu tô formando agora que é eu e o meu esposo e meu filho, eu quero que seja completamente diferente. Eu quero, se acaso eu tiver mais filho, meus filhos seja unido. Eu e o meu marido, tá amanhã ou depois, a gente pode não tá junto. Ele segue o caminho dele e eu sigo o meu, só que... uma coisa que eu vou pedir pra ele assim, que eu posso até implorar, não abandonar os filhos dele do mesmo jeito que eu já fui abandonada pelo meu pai... pelo meu pai. Você entendeu? Tipo assim, chegar mais próximo de uma família, você entendeu? O mais próximo que a gente puder de uma família. Por mais que a gente tiver separado... eu morro de medo. (P2)

No relato de P2, percebe-se um desejo de ter uma história diferente da que a sua própria mãe vivenciou; em outras palavras, um desejo de que a história não se repita. Essa participante possui pais separados que tiveram grandes conflitos entre eles e que, segundo ela, impactaram sua vida.

A parentalidade não inclui somente o sentido biológico do termo; ser pai ou mãe não é só ter um filho, mas também uma oportunidade para refletir a respeito de sua descendência. Desta

forma, a própria história e a história das gerações anteriores têm grande influência em todo o processo da maternidade e da paternidade. Essas histórias são contadas em cada detalhe da relação pais-filhos sob a forma dos cuidados que oferecem, das expectativas que criam e dos conflitos e sintomas que aparecem (Santos & Motta, 2014). Esses aspectos podem ser notados nas falas a seguir:

Ah, não, tipo... eu tenho certeza que ela não fazia o que eu faço com ele. De ficar brincando... eu tento lidar com ele de uma forma totalmente diferente do que eu tive. Então, assim, porque eu não quero que ele seja estressado, tadinho. Essa pessoa que não tem, assim... que não tem uma relação muito de irmã, né, porque eu tenho muito essa relação com a minha mãe. Então, eu tento passar pra ele a situação mãe. (P6)

Mas, essa parte de que eu acho que faltava conosco, na época, era a questão de diálogo, de todo. Seja: “você tá na adolescência e vai acontecer isso, assim e assado”. Ter isso de forma transparente, uma coisa natural. Uma coisa que ela [avó materna] não teve com a gente. Então, a escola que nos ensinou, a gente que buscou isso. Então, eu vejo assim, falhas que hoje eu faria diferente com o B5. Faria não, vou fazer diferente com o B5, nesse sentido entendeu? (P5)

Esses relatos corroboram as ideias apresentadas pelas autoras Wagner, Predebon e Falcke (2014), em que os pais frequentemente, através da educação intrafamiliar, se esforçam na não repetição de padrões educativos recebidos em sua família de origem, motivados pelo desejo de não reeditar os erros de sua própria educação. Dessa forma, os pais podem idealizar modelos de como educar, na tentativa de propiciar às novas gerações melhores condições de vida e de bem-estar. Contudo, nem sempre o resultado é eficaz. Nesse sentido, pode-se destacar as expressões das participantes do desejo de modificarem alguns pontos da educação recebida de suas mães. A questão do diálogo entre mãe e filha foi uma questão unânime levantada pelas participantes, como se pode notar na fala de uma delas:

Mas, pelo, eu tinha receio de conversar, eu tinha vergonha...agora que eu tô me abrindo mais. Quero que a B4 seja muito minha amiga. Quero ser amiga dela, aliás, o contrário. Pra ver se ela sente bem à vontade pra apoiar, pra mim... não tem como cê controlar, mas você tenta...se você tem uma recompensa, que ela possa confiar em mim, né? Pra não ficar essas crianças... fazendo bagunça na rua aí, fazendo coisa escondida, né? Porque é mais

fácil a gente ter do lado da gente, de saber, de aconselhar, de apoiar do que não ser amiga. (P4)

Nas entrevistas realizadas, observou-se ainda o conceito de representação materna para as participantes. Referindo-se às lembranças e sentimentos que possuem em relação à própria mãe, a quais desses aspectos se identificam e como eles repercutem na relação mãe-bebê, as mães participantes descreveram as questões que fazem parte da construção do “ser mãe” para elas. Com base neles, elas farão o seu próprio exercício de maternidade. Conforme Cabral e Levandowski (2011), nesse processo, a mulher pode reviver com intensidade as experiências vivenciadas com a própria mãe tanto na infância como na atualidade. O conceito é evidenciado na seguinte fala:

A questão de, de proteger... de proteger, sabe, de, de... dependendo do, de quem chegar, de quem falar, do que acontecer com a B3, ali... alguma coisa relacionada com a B3 eu já to pronta pra... (risos) rebater, sabe, pronta pra defender mesmo. Isso. E a questão do cuidado. De, de, de cuidar mesmo. Porque minha mãe sempre cuidou muito da gente em vários sentidos, tanto em questões que realmente precisava, quanto em questões psicológicas, mesmo. De tá próxima, sabe. [...] de dificuldades na escola, dificuldades nas amizades, ah, conflitos com os coleguinhas e tal, ela tava sempre ali pra dar uma mediada pra ver o que que podia fazer. [...] Porque minha mãe é acolhedora mesmo, ela sai catando todo mundo, “Vem!”. Ela preferia também assim e era divertida e todo mundo gostava dela, sabe. Eu quero herdar isso também [risos]. Todo mundo gostar de mim [risos], nesse sentido, de ser a mãe que, que tá ali, que é legal, que, sabe, que deixa as pessoas virem, que recebe bem os amigos, que recebe bem as pessoas, sabe, que respeita essas pessoas, ela tem essa facilidade também, eu quero ver se eu consigo também ser assim [risos]. Ela é um pouco ciumenta também [risos], eu sou [risos]. Herdei isso também. Tenho ciúme assim... isso já aparece, sabe. Já aparece. (P3)

Os cuidados com o filho foram alvo de preocupações das mães. Elas relataram a percepção de fragilidade do bebê, que requer total dependência de um outro ser humano:

E é muito lindo [o momento da amamentação], assim, é um momento muito... único mesmo. Sabe, eu acho que é um momento nosso, por isso que eu falo, agora não sei como desmamar. Eu acho que mais por mim, do que por ela também, sabe. Que parece que é a hora que ela é minha [risos]. Que ela tá comigo mesmo. Muito, muito bonito, muito. Principalmente quando ela assim tá nervosa e ela tranquiliza mamando, sabe. Então, me sinto poderosa [risos]. Eu sei que, eu já fico me, me policiando, no sentido, assim, de, de saber que eu não sou, eu não tenho todo esse poder, sabe, esse poder é por enquanto, enquanto ela ainda depende muito de mim, depende totalmente e tal, e que eu também vou ter que deixar ela ir com os próprios... Mas assim, é gostoso [risos], é gostoso. (P3)

Winnicott (2007) nos fornece também a ideia da mãe suficientemente boa como aquela que é capaz de se adaptar, de maneira bem-sucedida, aos gestos e necessidades do bebê. Ela é suficiente, pois atende ao bebê, e não a ela mesma, e o faz na medida exata das necessidades do bebê. Quando a mãe é capaz de se identificar com o bebê, ela pode reconhecer e atender à dependência deste, justamente por saber qual é a necessidade do bebê e responder a ela. Assim, devem estar presentes a espontaneidade e a pessoalidade da mãe ao cuidar de seu bebê (Dias, 2003).

A mãe age de uma forma natural sabendo quais as necessidades do bebê (Winnicott, 1999).

Como pode-se verificar no depoimento:

Igual eu fiquei desesperada achando que não ia conseguir cuidar e exatamente porque eu já tinha uma ligação com ela [filha], eu falava “sabe, é um amor” e queria que tudo desse, ficasse bem pra ela, e isso vai aumentando, isso vai, mas assim, é aumenta, ao mesmo tempo que aumenta o cuidado, o, a questão de proteger, eu percebo que também é no... acaba, é... eu tenho comigo que eu preciso deixar ela experimentar outras coisas. (P3)

Sugere-se, conforme relato acima, que P3 foi capaz de se identificar com seu bebê, ao dizer que teve uma ligação com a filha. Essa identificação propiciou os cuidados e o sentimento de proteção presentes na relação mãe-bebê, ao mesmo tempo em que a participante compreendeu que as necessidades da filha e a dependência desta irão mudar de acordo com o seu desenvolvimento e que ela deve permiti-la experimentar outras coisas.

A participação da avó materna e rede de apoio durante e após a gravidez

O apoio social se caracteriza como importante desde a gestação, havendo impacto sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento da criança. As participantes relataram haver uma influência essencial dos familiares, amigos próximos e profissionais que participam no momento da gravidez.

Durante a gravidez foi tranquilo, porque ele fazia os meus gostos e foi um paizão, assim, quando eu tava grávida. No sentido de, ah, amor vamo... um exemplo, um dia, é, as roupas

já não tava me servindo mais. E a barriga só crescendo né. Falei: Amor, eu preciso ir na loja, [...] ele teve a maior paciência, esperou eu olhar os vestidos... então, assim, foi participativo em todos os sentidos. Nas consultas, ele foi em todas, do pré-natal... todas as consultas, a gente ouvia o coraçãozinho do bebê lá. Auscultava, o médico colocava lá. E as imagens e tudo. Então, tudo ele tava sempre presente, nunca faltou nenhuma, nenhuma... Então, foi assim. (P5)

Segundo Leite *et al* (2014), estudos revelam esse impacto tanto a curto quanto a longo prazo e outros investigam os provedores de apoio social, destacando o pai do bebê como a principal fonte de apoio, seguido por outros membros da família, sendo que o apoio do marido/companheiro parece ter impacto mais profundo quanto ao bem-estar da mãe. Espera-se que o pai ofereça segurança à companheira, necessária à formação de um bom vínculo mãe-filho. Sendo assim, o apoio conjugal se traduziria pelo carinho, encorajamento e assistência recebidos do parceiro.

Conforme Serralha (2016, p. 62), Winnicott compreende o papel do pai como de sustentação para o estado de preocupação materna primária, “de proporcionar à mãe um suporte e ao bebê um lar, impedindo a preocupação ou ocupação da mãe com coisas alheias à sua relação com o bebê”. Dessa forma, observa-se a importância da presença do pai no período da gravidez e após esta.

Sobre os profissionais que acompanharam a gravidez e após o parto, os relatos das participantes ressaltam a importância destes, por propiciarem um suporte quanto às dúvidas, conhecimento técnico e transmissão de segurança:

Porque não é fácil, por mais que você lida muito bem, você tem todo um preparo, que você faz tudo planejado. [...] Então, você precisa ter uma rede de apoio, eu falo, assim, as vezes, o seu marido não vai saber te satisfazer... num momento de dúvida, igual uma amiga sua que teve neném, entende? Às vezes, você precisa da sua mãe para alguma coisa e não vai ser marido ou amiga que vai suprir aquilo, tem que ser a mãe. Então, eu acho que cada momento é essencial você ter alguma daquelas pessoas ali por perto. E tendo todos no dia [...]. E a preocupação deles comigo, né, foi muito grande. Então, quando eu saí do pós-parto que eu fui pro quarto, todos eles preocupados, eles danando comigo pra mim não mexer a cabeça, [...] eu tenho mania de levantar, ai, ficava danando. Acompanhando o B6 pra onde que ele ia, pra não ter perigo. Então, assim, é, eu acho que é extremamente importante [...]. Eu falo que tem que ter alguém pelo menos, porque é muito bom. Te tranquiliza, tipo, super. Acho que é por isso que eu não fiquei ansiosa, acabou que tinha

sempre um apoio ali, né. Por isso, que eu acho que eu amenizei um pouco assim... a situação (P6).

E nossa, me ajudaram muito, porque... eu tinha uma [enfermeira] lá que eu grudei tanto nela assim, modo de dizer, quando ela tava indo embora quando eu fui ganhar a B4 [...] “Não, mas você tem que ir [no parto], eu tô sentindo e só você que me acalma”. Ai, na hora que eu tava lá na sala pra ganhar a B4, ela pegou e... ela pegou, tinha uma pegada na minha mão, aqui põe uma máscara e tudo. Aí, ela conversou comigo: “P4, é eu. Eu tô aqui”. [...] Aí, eu falei: “nossa, Deus lhe pague”. Ela ficou comigo até o final. No outro dia cedo, ela foi lá me ver, mais a B4. Ela foi muito assim, prestativa mesmo. Porque eu queria ela, porque desde do começo ela tava me acompanhando (P4).

Os depoimentos corroboram o que se relaciona à matriz de apoio. Há uma necessidade da mãe de criar, permitir, aceitar e regular uma rede de apoio protetora para si, para poder realizar as tarefas dos temas anteriores: manter o bebê vivo e promover seu desenvolvimento psicoafetivo. Essa figura de apoio materna deve ser uma mulher experiente, pois deve servir de modelo de identificação para a nova mãe e transmitir conhecimentos práticos sobre como cuidar do bebê e, principalmente, favorecer a aprendizagem dos pais, deixando-os mais seguros e confiantes (Lopes *et al.*, 2010; Sousa, Prado & Piccinini, 2011).

A presença da avó materna, neste caso, vem ocupar a postura de amparo e desenvolvendo a empatia com a mãe. Podem ocorrer trocas de experiências, ajudas, suporte emocional, que comumente ocorrem em forma de conselhos. Nesse ponto, tem-se o relato:

De repente eu comecei a chorar, e chorava, e chorava, desesperada. ‘Mãe, eu não vou dar conta, mãe, eu não vou conseguir, eu não to dando conta, tá muito difícil’, um desespero! Minha mãe veio, me abraçou e falou assim “não, mas você vai conseguir, pode ficar tranquila, que você é forte, você já está demonstrando a sua força [começou a falar emocionada] e vai dar certo, é assim mesmo, é difícil”. E aí ela chorava também, sabe, aquilo [pausa] nossa, muito [pausa], muito lindo assim, sabe. (P3)

O compartilhamento de informações com outras mães também é interessante. Observa-se que, na gravidez que é planejada e bem recebida, e também nas que contam com muito apoio social,

a qualidade do laço emocional com a própria mãe é presente e notável. Nessas situações, é importante ressaltar o tipo de vinculação existente e os processos psicológicos envolvidos.

Considerações finais

O estudo empírico permitiu conhecer os aspectos psicológicos envolvidos na vivência com a própria mãe e como estes influenciam no exercício da maternidade. Por meio dessas constatações, pode-se observar que a mãe desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, oferecendo-lhe o ambiente necessitado para a sua constituição em um si mesmo individual e integrado. Para que esse ambiente seja oferecido, a mãe necessita de sustentação emocional, que envolve tanto os cuidados recebidos em sua própria infância, quanto o suporte em sua vida atual fornecido pela rede apoio. Essa rede apoio engloba a sua própria mãe, o pai do bebê, os profissionais que acompanharam a gestação e o período após o nascimento do bebê, amigos e demais familiares que possam representar para essa mãe uma fonte de troca de experiências, acolhimento, segurança e encorajamento.

Ao se considerar a relação que a mãe estabelece com sua filha, esta, ao se tornar mãe também, construirá as suas representações maternas por meio do modo como ela sentiu e vivenciou essas experiências. Assim, no exercício da maternidade, ela alicerçará esse importante momento nas vivências com a própria mãe, que influenciarão significativamente a sua relação com o bebê.

Torna-se valioso que sejam realizados novos estudos acerca do tema, conhecendo melhor como essas influências ocorrem, os aspectos psicológicos envolvidos e as repercussões positivas e/ou negativas, principalmente com um maior número de participantes.

As entrevistadas demonstraram também uma reelaboração de suas representações de *self* com a experiência de maternidade, como pessoas e como mães. Verificaram ainda que as representações sobre o bebê foram notadas na identificação dessas mães com seus bebês,

abordando semelhanças entre elas mesmas como pessoas e a criança, e através dessas representações atentaram-se para influências geradas por eventos considerados importantes da vida da mãe, evidenciando aspectos transgeracionais. Os aspectos inter e transgeracionais podem revelar informações acerca de valores, crenças, modelos de condutas que foram transmitidos através da relação da mãe com sua própria mãe. Compreender esses aspectos possibilita uma reestruturação e ressignificação da forma como ocorreu essa relação, podendo servir como base para profissionais de diversas áreas.

Em relação às limitações do estudo, ressalta-se o pequeno número de participantes expondo a necessidade de novas investigações com amostras maiores. Ressalta-se a utilização de outros instrumentos no delineamento da pesquisa, como metodologias de observação da relação mãe-bebê e, ainda, a participação da avó materna. Os dados da pesquisa referem-se aos relatos das mães participantes através de suas próprias percepções, que podem ser constituídos por mecanismos de negação, sugerindo a realização de mais de uma entrevista e/ou uma metodologia longitudinal.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S., Ataíde, Á., Nascimento, M. J., Pires, P., & Caldeira da Silva, P. (2003). Representações mentais maternas: um caso de trigêmeos. *Análise Psicológica*, 21(1), 103-110.
- Aulagnier, P. (1999). Nascimento de um corpo, origem de uma história. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(3), 9-45.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. (Originalmente publicado em 1977).
- Boni, V.; Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em Tese*, 2 (1): 68-80.
- Bowlby, M. (2006). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B.; Cramer, B. (1991). *The earliest relationship: parentes, infants and the drama of early attachment*. London: Karnac Books. (Originalmente publicado em 1991).

- Cabral, A. S., & Levandowski, D. C. (2011). Representações maternas: aspectos teóricos e possibilidades de avaliação e intervenção clínica. *Revista Estilos clínicos*, 16 (1): 186-203.
- Cabral, S., & Levandowski, D. (2012). Representações de mães adolescentes: aspectos intergeracionais na relação mãe-criança. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(3), 543-562.
- Cardoso, A. C. A., & Vivian, A. G. (2017). Maternidade e suas vicissitudes: a importância do apoio social no desenvolvimento da díade mãe-bebê. *Diaphora*, 17(1), 43-51.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gutierrez, D. M. D., & Pontes, K. D. D. S. (2011). Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do NUFEN*, 3(2), 3-24.
- Leite, M. G., Rodrigues, D. P., de Sousa, A. A. S., de Melo, L. P. T., & de Melo Fialho, A. V. (2014). Sentimentos advindos da maternidade: revelações de um grupo de gestantes. *Psicologia em Estudo*, 19(1), 115-124.
- Lopes, R. D. C. S., Prochnow, L. P., & Piccinini, C. A. (2010). A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicologia em estudo*, 15(2), 295-304.
- Nóbrega, F. J. (2005). *Vínculo mãe-filho*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Rey, F. L. G. (2005). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.
- Santos, A. D. L., Teston, E. F., Cecílio, H. P. M., Serafim, D., & Marcon, S. S. (2015). Participação de avós no cuidado aos filhos de mães adolescentes. *Revista Mineira de Enfermagem*, 19(1), 55-64.
- Santos, K. D., & da Motta, I. F. (2014). O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, 31(4), 517-525.
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: CRV.
- Silva, F. B., Vilela, L., & Scorsolini-Comin, F. (2013). Significados da gravidez e da maternidade: discursos de primíparas e múltiparas. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 15(1), 19-34.
- Sousa, D. D. D., Prado, L. C., & Piccinini, C. A. (2011). Representações acerca da maternidade no contexto da depressão pós-parto. *Psicologia: reflexão e crítica*. 24(2), 335-343.
- Thomazini, S. O., & Scapin, A. L. (2015). Feminilidade: Explorando os impasses do tornar-se mulher, estabelecidos na relação mãe e filha. *Revista Uningá Review*. 23(3), 83-88.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde pública*, 39, 507-514.

- Turato, E. R. (2008) *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2014) Transgeracionalidade e educação: como se perpetua a família? In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modos familiares* (pp.93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2007). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Zanatta, E., Pereira, C. R. R., & Alves, A. P. (2017). A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(3), 1-16.
- Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação objetivou compreender os aspectos psicológicos da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade. A relação mãe-bebê se torna importante por ser a relação mais inicial com o outro e responsável pelo desenvolvimento psíquico. Desta forma, é fundamental conhecer as questões a ela envolvidas. A maternidade tem recebido destaque em pesquisas de diversas áreas, sobretudo na saúde, sendo os enfoques dados nesses estudos a questões biológicas e ao bebê.

Os processos intergeracionais, atualmente, têm sido alvo de estudos, após a percepção do papel que eles representam nas dinâmicas familiares. Com a realização dos dois estudos, observou-se que o tema é bastante discutido na literatura, havendo diferentes teorias e vertentes relacionadas a ela. Com o primeiro estudo, notou-se a escassez de publicação nos últimos 7 anos sobre o tema e as publicações encontradas, pelo fato de a grande maioria ser de metodologias quantitativas, aponta-se a necessidade de se aprofundar o tema e conhecer os fenômenos com ele envolvidos, o que é favorecido pelas pesquisas qualitativas.

O segundo estudo mostra o quanto a maternidade é um tema que desperta necessidade de as mães discorrerem a respeito, trazendo suas percepções e sentimentos envolvidos. Assim, observa-se a importância de trabalhos e intervenções que possam ser feitas por profissionais de diversas áreas. Em relação às limitações da presente dissertação, pode-se sugerir o aprofundamento de estudos com o tema abordado e a discussão dos aspectos elencados através de outras teorias.

Ambos estudos, permitiram a verificação da importância de trabalhos que discutam aspectos intergeracionais e transgeracionais. De uma forma geral, destacam-se as atuações dos profissionais que devem considerar esses aspectos que estão presentes em diversos momentos da vida do sujeito, como, no exercício da maternidade. As questões vivenciadas na relação mãe-bebê

repercutirão por toda a vida, incluindo, a maneira com a mulher desempenhará a função materna. Estudos nessa área trazem contribuições para uma melhor compreensão de aspectos envolvidos no exercício da maternidade, especificamente, da qualidade da relação da mãe com a avó materna.

REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

- Abdala, A. T. C. P., Próchno, C. C. S. C., & Silva, L. C. A. da. (2017). A transmissão psíquica do fantasma patológico enquanto objeto transgeracional: uma Análise do filme “Volver”. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(1), 207-222.
- Almeida, S., Ataíde, Á., Nascimento, M. J., Pires, P., & Caldeira da Silva, P. (2003). Representações mentais maternas: um caso de trigêmeos. *Análise Psicológica*, 21(1), 103-110.
- Aulagnier, P. (1999). Nascimento de um corpo, origem de uma história. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(3), 9-45.
- Azevedo, L. J. C. D., Féres-Carneiro, T., & Lins, S. L. B. (2015). A família e a transmissão psíquica. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 13, 57-71.
- Bailey, H. N., Tarabulsky, G. M., Moran, G., Pederson, D. R., & Bento, S. (2017). New insight on intergenerational attachment from a relationship-based analysis. *Development and psychopathology*, 29(2), 433-448.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. (Originalmente publicado em 1977).
- Bernstein, R. E., Laurent, H. K., Musser, E. D., Measelle, J. R., & Ablow, J. C. (2013). In an idealized world: Can discrepancies across self-reported parental care and high betrayal trauma during childhood predict infant attachment avoidance in the next generation?. *Journal of Trauma & Dissociation*, 14(5), 529-545.
- Boni, V.; Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em Tese*, 2 (1): 68-80.
- Bortolini, M., & Piccinini, C. A. (2015). Transmissão intergeracional do apego seguro: evidências a partir de dois casos. *Psicologia em Estudo*, 20(2).
- Bowlby, M. (2006). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2009) *Apego: a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1969).
- Brazelton, T. B.; Cramer, B. (2002). *The earliest relationship: parentes, infants and the drama of early attachment*. London: Karnac Books. (Originalmente publicado em 1991).
- Bridgett, D. J., Kanya, M. J., Rutherford, H. J., & Mayes, L. C. (2017). Maternal executive functioning as a mechanism in the intergenerational transmission of parenting: Preliminary evidence. *Journal of Family Psychology*, 31(1), 19.

- Cabral, A. S., & Levandowski, D. C. (2011). Representações maternas: aspectos teóricos e possibilidades de avaliação e intervenção clínica. *Revista Estilos clínicos*, 16 (1): 186-203.
- Cabral, S., & Levandowski, D. (2012). Representações de mães adolescentes: aspectos intergeracionais na relação mãe-criança. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(3), 543-562.
- Cardoso, A. C. A., & Vivian, A. G. (2017). Maternidade e suas vicissitudes: a importância do apoio social no desenvolvimento da díade mãe-bebê. *Diaphora*, 17(1), 43-51.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Crugnola, C. R., Gazzotti, S., Spinelli, M., Ierardi, E., Caprin, C., & Albizzati, A. (2013). Maternal attachment influences mother–infant styles of regulation and play with objects at nine months. *Attachment & human development*, 15(2), 107-131.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Flick, U. (2018). *Doing triangulation and mixed methods* (Book 9 of The SAGE Qualitative Research Kit, 2nd ed.). London: Sage.
- Flykt, M., Punamäki, R. L., Belt, R., Biringen, Z., Salo, S., Posa, T., & Pajulo, M. (2012). Maternal representations and emotional availability among drug-abusing and nonusing mothers and their infants. *Infant Mental Health Journal*, 33(2), 123-138.
- Gutierrez, D. M. D., & Pontes, K. D. D. S. (2011). Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do NUFEN*, 3(2), 3-24.
- Hamada, L. R. dos S. (2014). *Mãe, agora eu também sou...: estudo qualitativo sobre o impacto da maternidade de mulheres primíparas na qualidade da díade mãe-filha*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP, Porto, Portugal. Recuperado de <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78540/2/34617.pdf>>
- Hartmann, I. B., & Schestatsky, S. (2011). Transmissão do psiquismo entre as gerações. *Rev. bras. psicoter*, 13(2), 92-114.
- Infrasca, R. (2011). From mother to daughter. Psychic disease: genetic or environmental influence?. *Clinical Management Issues*, 5(3), 87-93.
- Leite, M. G., Rodrigues, D. P., de Sousa, A. A. S., de Melo, L. P. T., & Fialho, A. V. M. (2014). Sentimentos advindos da maternidade: revelações de um grupo de gestantes. *Psicologia em Estudo*, 19(1), 115-124.
- Lopes, R. D. C. S., Prochnow, L. P., & Piccinini, C. A. (2010). A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicologia em estudo*, 15(2), 295-304.

- Madden, V., Domoney, J., Aumayer, K., Sethna, V., Iles, J., Hubbard, I., Giannakakis, A., Lamprini Psychogiou & Ramchandani, P. (2015). Intergenerational transmission of parenting: Findings from a UK longitudinal study. *The European Journal of Public Health*, 25(6), 1030-1035.
- Madigan, S., Hawkins, E., Plamondon, A., Moran, G., & Benoit, D. (2015). . *Infant mental health journal*, 36(5), 459-468.
- Mendes, A. M. dos S., Nogueira, R. M. G. P., & Ribeiro, S. R. P. (2018). Estratégias de investigação e os métodos científicos. In J. H. da S. Felix (Org.). *Como escrever bem: projeto de pesquisa e artigo científico*. Curitiba: Appris.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- Mota, M. M. P. E. (2017). Metodologia de pesquisa em desenvolvimento humano: velhas questões revisitadas. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 144-149.
- Moura, S. M. S. R. D., & Araújo, M. D. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: ciência e profissão*, 24(1), 44-55.
- Nóbrega, F. J. (2005). *Vínculo mãe-filho*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Rey, F. L. G. (2005). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.
- Santos, A. D. L., Teston, E. F., Cecílio, H. P. M., Serafim, D., & Marcon, S. S. (2015). Participação de avós no cuidado aos filhos de mães adolescentes. *Revista Mineira de Enfermagem*, 19(1), 55-64.
- Santos, K. D., & da Motta, I. F. (2014). O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, 31(4), 517-525.
- Schmidt, E. B., & Argimon, I. de L. (2006). Vinculação do adulto e o apego materno fetal. *UNOPAR Cient., Ciênc. Biol. Saúde*, 8(1), 55-62.
- Seay, D. M., Jahromi, L. B., Umaña-Taylor, A. J., & Updegraff, K. A. (2016). Intergenerational transmission of maladaptive parenting strategies in families of adolescent mothers: effects from grandmothers to young children. *Journal of abnormal child psychology*, 44(6), 1097-1109.
- Şen, S., & Kavlak, O. (2012). Transgenerational attachment in Manisa, Turkey. *Contemporary nurse*, 41(1), 126-132.
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: CRV.

- Silva, F. B., Vilela, L., & Scorsolini-Comin, F. (2013). Significados da gravidez e da maternidade: discursos de primíparas e multíparas. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 15(1), 19-34.
- Sousa, D. D., Prado, L. C., & Piccinini, C. A. (2011). Representações acerca da maternidade no contexto da depressão pós-parto. *Psicologia: reflexão e crítica*, 24(2), 335-343.
- Souza, M. T., da Silva, M. D., & de Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-6.
- Stellin, R. M. R., Monteiro, C. F. D. A., Albuquerque, R. A., & Marques, C. M. X. C. (2011). Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. *Estilos da clínica*, 16(1), 170-185.
- Thomazini, S. O., & Scapin, A. L. (2015). Feminilidade: Explorando os impasses do tornar-se mulher, estabelecidos na relação mãe e filha. *Revista Uningá Review*, 23(3), 83-88.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde pública*, 39, 507-514.
- Turato, E. R. (2008) *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2014) Transgeracionalidade e educação: como se perpetua a família? In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modos familiares* (pp.93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Wildemuth, B. M. (2017). Longitudinal Studies. In B. M. Wildemuth (Ed.). *Applications of social research methods to questions in information and library Science* (Cap. 9, pp. 71-80). Santa Barbara: ABC-CLIO.
- Winnicott, D.W. (1999). *Os bebês e suas mães*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2007) *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 1983).
- Zanatta, E., Pereira, C. R. R., & Alves, A. P. (2017). A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(3), 1-16.

- Zeiders, K. H., Umaña-Taylor, A. J., Jahromi, L. B., & Updegraff, K. A. (2015). Grandmothers' familism values, adolescent mothers' parenting efficacy, and children's well-being. *Journal of Family Psychology, 29*(4), 624-634.
- Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico, 42*(2), 453-470.

APÊNDICES**Apêndice A****ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

TÍTULO DO PROJETO: Influências da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade.

Data: ___/___/___	Entrevista n°
Código:	

1. Como é o seu relacionamento com sua mãe?
2. Como foi a sua gravidez?
3. Como era o relacionamento com sua mãe antes e durante a gravidez?
4. Durante a sua gravidez, como foi o seu relacionamento com as outras pessoas: o pai do bebê, demais familiares, amigos e profissionais que fizeram acompanhamento da gestação?
5. Como é o relacionamento de sua mãe com o pai do bebê?

Apêndice B

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

TÍTULO DO PROJETO: Influências da vivência com a própria mãe no exercício da maternidade.

Data: ___/___/___	Entrevista n°
Código:	

Gostaria que você me respondesse algumas perguntas sobre você:

Data de nascimento: _____

Idade: _____

Escolaridade:

Fundamental completo Fundamental incompleto

Médio completo Médio incompleto

Superior completo Superior incompleto

Naturalidade: _____

Estado Civil:

Casada União estável com registro civil União estável com registro civil

Há quanto tempo? _____

Quantas pessoas moram na sua casa? E quais os graus de parentesco?

Qual a data de nascimento do seu bebê? _____

Sua Profissão: _____

Profissão do seu marido: _____

Renda total familiar (bruta):

Até 1 salário mínimo (até R\$ 953,00)

De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 954,00 a R\$1908,00)

De 2 a 3 salários mínimos (de R\$ 1909,00 a R\$ 2862,00)

De 3 a 4 salários mínimos (de R\$ 2.863,00 a R\$ 3.816,00)

De 4 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.817,00 a R\$ 5.724,00)

Acima de 6 salários mínimos (acima de R\$ 5.725,00)

Estado civil dos seus pais:

Casados/ Amasiados

Separados

Mãe viúva

Há quanto tempo? _____

Idade da sua mãe: _____

Realizou pré-natal?

Sim Não

Onde: _____
